



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES

HISTÓRIAS DE CUSPE E GIZ

Luiz Antonio Nolasco Velasco

Sob a Orientação do Professor Dr. Carlos Roberto de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica (RJ)

Fevereiro, 2016

370.1

V433h

Velasco, Luiz Antonio Nolasco, 1954-

T

Histórias de cuspe e giz / Luiz Antonio Nolasco Velasco. – 2016.

116 f. : il.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Bibliografia: f. 89-90.

1. Prática de ensino - Teses. 2. Professores e aluno - Teses. 3. Comunidade e escola - Teses. 4. Ambiente de sala de aula - Teses. I. Carvalho, Carlos Roberto de. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. III. Título.



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares (PPGEDuc)

LUIZ ANTONIO NOLASCO VELASCO

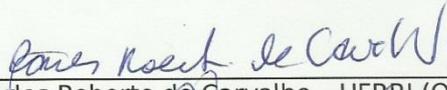
“HISTÓRIAS DE CUSPE E GIZ”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Diversidades Étnico-Raciais

Dissertação aprovada em 23/02/2016.

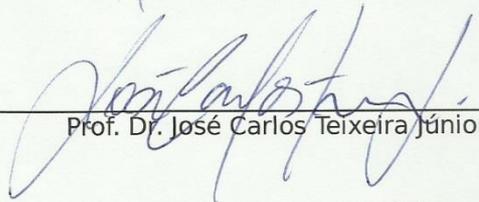
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho - UFRRJ (Orientador)



Prof.ª Dr.ª Flávia Miller Naethe Motta - UFRRJ



Prof. Dr. José Carlos Teixeira Júnior - FAETEC

Nova Iguaçu (RJ)
Fevereiro/2016

Quero dedicar esse trabalho a duas pessoas que não mais estão conosco, porém se sou o que sou devo isto a “Seu Osvaldo” e a “Dona Alice”. Espero que de onde eles estejam possam ver o filho se tornando Mestre em Educação.

Também preciso dedicar essa dissertação aos meus alunos e ex-alunos, pois foi com eles que aprendi a ouvir, dialogar e perceber que aprendi muito mais do que ensinei.

AGRADECIMENTOS E APRESENTAÇÃO

Em minha defesa perante a banca de avaliação ao final do curso de pós-graduação não fiz exposição de slide por opção e não por rebeldia, pois preferi conversar com a banca avaliadora e com meus amigos e companheiros. Na verdade fiz a leitura do presente texto, que a pedido do meu orientador transformei num texto de Apresentação e agradecimentos.

Não tinha ideia se durante a defesa da dissertação seria momento de agradecimentos. Porém não quis me furtar naquele momento o prazer de em público agradecer a alguns companheiros, que se transformaram pessoas maravilhosas.

Quando usei “companheiro” não o fiz como o desgastado termo no plano político. Companheiro na lida diária do eito do café ou de cana-de-açúcar são aqueles que trabalham ombro a ombro. Quando um companheiro cai ou para pelo cansaço da lida o outro assume seu lugar trabalhando pelos dois. E foi mais ou menos assim que aconteceu nesses 24 meses de trabalho entre eu e meus companheiros. Algumas pessoas formaram comigo uma verdadeira frente de trabalho. Além de todas e todos os companheiros alunos e alunas do mestrado da turma 2014 que foram importantes para o meu crescimento como pesquisador e escritor quero agradecer especialmente ao Beto meu orientador que em mim apostou uma aposta de risco e espero não o ter decepcionado.

Claro que agradeço aos professores da Banca, digo amigos, pois assim os considero, porque pessoas como Flavia Motta com quem estudei talvez cinco períodos tornou-se mais que minha professora, ela é minha amiga e companheira no pensar educação, ou um camarada do quilate de Flávio Andrade, com o qual cursei algumas disciplinas na graduação de história, éramos alunos em tempos remotos, e aqui nessa casa foi também meu professor por vários períodos além de orientador de monografia. Zeca, perdão pela intimidade, é a amorosidade bakhtiniana em pessoa. O conheci na UERJ, há pouco tempo, mais sei de sua grande capacidade e companheirismo, pois presencie sua amorosa ajuda e dicas na dissertação da minha irmã intelectual Juliana Ribeiro. Obrigado por lerem e estarem aqui para me ajudar a achar e chegar ao fim do caminho.

Agora um mais que especial agradecimento a três amigas e companheiras de banco escolar, mesa e de copo, que em nossas reuniões pós aulas foram-me de uma ajuda inestimável com dicas, ideias, broncas, até pisão no pé. Essas pessoas linda são: A professora Rita Ribes que amei de paixão suas aula e sua pessoa. Por vezes em suas aula ao usar-me como exemplo

ajudou-me entender-me como pesquisador. As irmãs “gêmeas” e intelectuais que juntos aos sábados e domingos trabalhamos as nossas pesquisas: Ana Clara Rohem e Priscilla Bezerra. Essas três, foram fundamentais para a finalização de meu texto.

Bom agora vamos a apresentação do texto.

Ele não tinha capítulos, escrevi meu texto organizado em histórias, cada uma com o seu título, porém ao enviá-lo para Valeria, a revisora, ela me ligou enlouquecida dizendo que estava difícil organizar o texto ele não tinha capítulos. Então arrazoei: - Verdade Valeria, mas esse modo coloquial e informal e sem definir capítulos é uma proposta característica do meu trabalho e do meu orientador que prima pela literatura ou por introduzir a literatura no trabalho acadêmico. É um posicionar-se por tornar o texto acadêmico mais brando, menos empolado e mais acessível ao público para o qual escrevo. Como o bakhtiniano Carlos Roberto de Carvalho nos dizia cotidianamente: “A palavra se dirige” então meu texto necessita ser assim para quem e com quem escrevi; para que o meu aluno, meus companheiros de escola leiam e o entendam, além da Banca é claro. A ideia do “Beto” é que o texto tenha a leveza de um conto ou um romance. Por isso o texto fica mais coloquial, palatável menos complicado. Tem a cara do cotidiano. Mas para não enlouquecer a revisora e me aborrecer decidi dividir a dissertação em cinco capítulos.

O primeiro capítulo é composto de três subtítulos o primeiro subcapítulos ou subtítulo chama-se “o que eu quero?”, o segundo: “Ponto de vista de uma escola ou a escola sob um ponto de vista” e por último vem o: “O como, o onde e o quando”. Nesse primeiro capítulo, como os títulos das subdivisões já denunciam é onde apresento meus objetivos, o que vou fazer para alcança-los, e a definição do meu objeto.

No segundo capítulos busco as reminiscência do meu passado, da minha formação como pessoa, cidadão e profissional e tento demonstrar porque o espaço escolar é para mim um lugar especial.

Sou professor do ensino básico há trinta anos, estive e estou em sala de aula durante esse tempo. Foi nesse local, nessa luta, que encontrei minha questão de pesquisa, a questão que me fez voltar aos bancos da faculdade e cursar Pedagogia e, agora, defender esta dissertação.

Minha formação foi em História no tempo que ser marxista era rebeldia e resistência. Por isso esse meu ranço que tantas vezes provocou embates como meu orientador.

As questões pedagógicas sempre foram pontos de discussões para mim, como a forma, o conteúdo entre outros. Mas uma questão que me atingia sempre no peito e diretamente na cabeça, deixando-me atordoado era o Discurso da Qualidade ou sobre ela.

Durante esse tempo de trabalho, no chão da escola, na poeira do giz, li e ouvi textos maravilhosos e discursos importantes sobre Qualidade na Educação. Mas o que sempre me incomodou foi a pergunta – de que lugar se fazia tal discurso. Não se ouvia a “voz” que subia do barro do chão da escola. Onde estava a voz do aluno, dos pais, das merendeiras, das serventes, da comunidade no entorno da escola e, principalmente, dos professores que, como eu, estavam e ainda estão repletos do pó de giz e do álcool do mimeógrafo.

Desse incômodo surgiu, durante as aulas de Pedagogia, nas quais falávamos da pedagogia do oprimido entre outros escritos de Paulo Freire – a questão que tenho perseguido: fazer ouvir a voz de quem, até agora, até onde eu sei, não se ouvia – busquei então esses atores para me contarem a história da escola. Sei que alguns irão dizer que a escola não é uma entidade única, ela não é igual em todos os lugares; no entanto busquei ouvir “meus outros” nesse lugar que tenho vivido nessas quase duas décadas de trabalho sabendo que este espaço ao mesmo tempo que diferenciado dos outros ao menos um pano de fundo eles tem em comum e é neste que busquei enxergar as relações que se davam neste fundo.

Acredito que, contando a história de uma determinada e especial escola da Baixada Fluminense, posso trazer para o centro da questão a qualidade da educação através da voz de quem faz os processos educativos acontecerem e dando, assim, vida vivida na poeira do chão e do giz.

Ao tentar de ser o cronista dessa história é que nasce o terceiro capítulo desta dissertação onde procuro apresentar o palco das relações que são travadas nesse “lugar especial”. Neste terceiro capítulo e suas subdivisões apresento como o “lugar especial” nasceu, porque ele tem o nome que tem. Como está espacialmente organizado.

Nesse trabalho procuro ser, portanto, o cronista dessa poeira, desse grão ou quase nada. Como nos aconselharia o poeta, quero ser o cronista dos resíduos, porque de “tudo fica um pouco” de mim e de ti, de nós. Porém sem deixar o cronista emudecer o pesquisador que precisa problematizar e levantar questões sobre ou dessa poeira.

Segundo as “ciências duras”, criticadas por Bakhtin no texto “metodologia das ciências humanas”, o ato de pesquisar é unilateral, onde a vontade do pesquisador é que capta o objeto e suas particularidades, assim entendemos que as ciências da natureza ou as ciências duras sempre pesquisam sobre, pois seus objetos, ao menos para eles, são inanimados e não possuem a faculdade da razão.

Entretanto, o pesquisador do campo das ciências humanas não deve ou não pode esquecer-se que, segundo Bakhtin, o “objeto” dessas ciências é o ser expressivo e falante (Bakhtin, 1992) isto é, a pesquisa é realizada com um ser vivo que pensa e é capaz de expressar

o que sente e mudar os seus pensamentos. Portanto esse “objeto” “nunca coincide com ele mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado.” (BAKHTIN, 1992).

A partir disso, como pesquisador no campo das ciências sociais, não pesquisei sobre, e sim, com o meu campo. Pois meu campo de pesquisa é, em última instância, a realidade social na qual estou inserido, assim durante esta pesquisa ocupei, no meu entender, três lugares: fui, ao mesmo tempo, pesquisado, pesquisador e, em determinado momento, fui o escritor que deu o fechamento ou o acabamento estético para o texto, isto é, esta obra que se fundamenta nos dados levantados durante os outros momentos da pesquisa.

Durante a realização desta pesquisa foi que entendi que o que fiz ou procurei fazer e saber sobre aquele objeto acabou não sendo o que exatamente o eu pesquisador queria. Percebi que ele – o campo vivo, expressivo, carregado de significados e prenhe de sentidos multiformes – levou-me a observá-lo. Notei que foi o campo que se mostrou para o eu pesquisador, como um amante apaixonado se mostra gradativamente a sua paixão, à medida que vai confiando neste.

Depois que me coloquei à “espreita” – não escondido, mas de peito aberto, com olhos e ouvidos atentos ao campo que se abria e confiava – percebo que sou transformado, modificado. Meu olhar deixou de ser o de um mero participante da realidade para tornar-se o olhar de um pesquisador, um perguntador arguto e hábil; mas o campo também é astuto e responde apenas as perguntas sensatas e penetrantes.

Que fique claro que o ato de fazer pesquisa, nesse nível de proposta, deixou-me sempre em desequilíbrio, sempre à mercê do campo; porém, para não perder a autoria, precisei, no momento da escrita, buscar uma visão de fora, isto é – afastar-me do campo e tornar-me o autor, o artista que, esteticamente de fora do problema, busca a mais perfeita arquitetônica para a obra.

Portanto, ao realizar esta pesquisa, nesse caminho, não foi buscar as respostas para as perguntas já feitas e para as quais já se tem as elucidações – isto seria o pesquisar sobre. O Pesquisar “com” é o estar pronto para entender o campo, imerso nele, como ele é, deixando-o livre para se mostrar real e completo. Acredito que pesquisar “com” é descobrir como Nelson Rodrigues a “vida como ela é”.

Depois de já ter construído boa parte da pesquisa, encontrei-me em um momento dramático do trabalho. Como foi dito pela professora Rita Ribes¹ - eu juntei ou colecionei uma

¹Rita Marisa Ribes Pereira Brasil, bolsista de Produtividade em Pesquisa. CA ED – Orientador de Doutorado. Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (2003). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

enorme quantidade de quinquilharias e as coloquei em uma caixa. Foi aí que percebi o tamanho da enrascada em que me encontrava e que estava diante de um grande desafio.

Elaborei várias estratégias para buscar as informações as quais eu acreditava ser importantes para a minha pesquisa. Recolhi diversos elementos, ouvi várias narrativas que apresentavam aquilo que eu entendia como sendo meu caminho de pesquisa. Parece-me que perdi e\ou ganhei tempo escolhendo estratégias e, por não me dar por satisfeito, segui mudando ou substituindo as mesmas – isso por que não queria escutar o que o campo falava, por ter ideias predefinidas.

Então chegou o momento de organizar a minha caixa de quinquilharias e para isso fui obrigado a abandonar as minhas certezas, deixando que as quinquilharias que estavam na caixa me apontassem por onde seguir. A partir disso, então assumi o controle e o proceder como um colecionador que organiza seu acervo, colocando ordem nos objetos colecionados segundo seus objetivos.

Da organização da minha caixa de quinquilharias é que surge o quarto capítulo e deste trabalho, onde registro meu espanto com as revelações que o campo começava a me fazer. Tais revelações me obrigou a praticamente reescrever o primeiro capítulo. E ainda tem muita coisa na caixa que eu não trouxe para fora.

É preciso fazer um esclarecimento importante. Fui instado pela amada professora Rita Ribes a explicar o porquê da utilização desse título em minha dissertação – uma expressão muito usada para insultar, injuriar e ofender escolas e professores que se utilizam apenas de sua voz e do quadro negro para lecionar. Contudo, durante a maior parte do meu tempo de magistério, exercido em escolas públicas estaduais, na baixada fluminense, nós professores apenas tivemos como instrumento de trabalho mimeógrafo, giz, quadro de giz e, lógico, nossas vozes.

Uso a expressão “histórias de cuspe e giz” para dar nome a este trabalho, não intencionando insinuar que as histórias aqui contadas não tenham importância, sejam ruins ou mal elaboradas. Na verdade, meu objetivo é apresentar histórias e fatos que foram recolhidos durante o trabalho e a vivência dentro da escola e na sala de aula entre livros, pó de giz, quadro de giz, folhas mimeografadas e muita saliva para dar várias aulas seguidas em salas superlotadas. Essa expressão é uma forma de dizer que essas narrativas e reflexões sobre uma determinada e especial escola são reais, foram vividas, sentidas, percebidas e sofridas durante o processo ensino/aprendizagem na relação eu e o outro, no diálogo, na responsividade e no ato responsável. Ela é uma expressão legitimamente escolar, concreta e faz parte da tradição dentro dessa instituição.

O pó, a poeira são utilizados no meu texto como uma metáfora da complexidade que consiste na qualidade da educação escolar, como uma metáfora da polifonia e da dialogicidade que tecem o cotidiano da escola. Afinal de contas, ninguém sai impune a elas.

Minha intenção de tornar-me cronista dessas poeiras enuncia, assim, uma posição de fronteira, uma posição liminar capaz de rasurar os limites da própria educação escolar: professor X aluno, escola X sociedade, linguagem verbal X não-verbal. Assim as “histórias de cuspe e giz” mostram a que veio: possibilitar a emergência das histórias que rasuram o discurso do “cuspe e giz”.

Conforme muito bem destacado pela professora Rita Ribes, o discurso do “cuspe e giz” é um discurso de desqualificação da escola e de seus professores. Trata-se de um discurso que destaca tanto a precarização material (uso apenas da voz e do giz), como também a precarização epistemológica (a educação como um processo de transmissão de conteúdo) da educação escolar. Um discurso bastante ambíguo, inclusive, pois tem servido tanto aos interesses da esquerda na exigência de melhores condições de trabalho, como também aos interesses da direita na justificativa de privatização da escola pública.

Contar estas histórias significa, assim, assumir o desafio de tensionar o discurso do “cuspe e giz” a partir de dentro, significa possibilitar a emergência não apenas de suas relações de poder, mas também de tudo aquilo que lhe escapa. Em outras palavras, significa mostrar que a escola pública é um lugar de ambiguidades, ou seja, que é tanto um lugar de precarização, como também de experiências emancipatórias.

Quando trago as histórias do Antônio, da construção da E. E. São Judas Tadeu e de Monalisa para ilustrar que esse lugar precarizado do “cuspe e giz” e também o lugar onde se dá experiências emancipatórias. Por outro lado as histórias dos atrasos, da prisão e da bosta tendem a estarem mais centradas na questão da precarização.

Minha intenção com esse trabalho era pensar a escola com/a partir de/junto aos alunos, professores, funcionários e comunidade desse “lugar especial”. Por isso, coletei durante esses vinte e quatro meses, histórias, conversas e representações das personagens que compõem esse universo chamado Colégio Estadual São Judas Tadeu.

Arrisquei-me num desejo de ser o cronista desses casos que a espuma dos dias vão depositando na poeira dos tempos e dos lugares. E busquei trazer o que dizem dessa escola e o que ela diz de si, pensando esse lugar, mas não sozinho, e, sim, a partir do olhar do outro, a partir do que esse outro me disse.

Assim trabalhei exaustivamente essas histórias com o desejo de entender como se dá as relações entre a escola como instituição e seus outros usei para tanto não apenas as histórias,

mas também elementos iconográficos que representasse a escola na visão de quem os desenhou, isto é, os alunos.

Portanto meu objetivo com esse trabalho foi mostrar o Colégio Estadual São Judas Tadeu sob certo ponto de vista. E este ponto de vista que queria captar era o ponto de vista dos alunos. Entretanto, o texto final, não representa exatamente o ponto de vista do aluno. O texto é na verdade a minha perspectiva sobre o ponto de vista dos alunos.

Meu interesse nessa pesquisa foi e ainda é o que esses outros (alunos, funcionários e professores) tinham e ainda têm a contar sobre essa escola e como isso que eles pensam e dizem foi e é considerado nas relações no cotidiano da escola. Busquei, em todo momento dessa pesquisa, ouvir as histórias dos meus sujeitos, sempre tendo em mente que são narrativas produzidas por indivíduos que poucas vezes foram chamados para dizerem algo sobre sua escola e até sobre sua própria vida. A partir disto foi que, responsabilmente, tomei para mim a tarefa de narrar as histórias produzidas por estes personagens que fizeram e fazem virar realidade o Colégio Estadual São Judas Tadeu.

Essa pesquisa não se finda aqui ou ali. Ela expõe o movimento da própria vida em que cada homem ou mulher vai vivendo do jeito que pode. Não pretendi tecer uma história única. O que procurei fazer foi devassar uma apreensão da escola, não a partir de uma visão *a priori* dada independentemente da experiência. O que tentei foi trançar os fios de muitas narrativas para tecer o tecido da história de um determinado lugar e de um tempo: do lugar único e insubstituível de cada indivíduo. Ao trazer os fios da história da criação e construção da escola ou da história de Monalisa estava buscando uma reflexão da relação que as pessoas da localidade, professores, funcionários e alunos mantiveram e mantêm com a escola. Assim, através dessa pesquisa tentei evidenciar como os alunos, as pessoas da localidade, professores e funcionários significam e ressignificam a escola.

Ademais, para além dos moldes de uma dissertação, acredito que foi fundamental a introdução da história da minha vida, incluindo minha formação como professor e a minha relação com a educação e com essa escola. Desse modo, foi possível perceber porque chamo esse lugar de especial e como indivíduos como eu – com trajetórias de vida igual ou parecida a minha – pensam, vivem e entendem esse “lugar especial”.

Procurei demonstrar, na narrativa que denominei cronotopos, como o espaço físico do ambiente escolar se organiza e é aproveitado e subaproveitado. Oxalá tenha eu conseguido expor qual é a função fundamental dos espaços que compõem essa escola, ao observarmos a história sobre o “salão das artes” que acabou se transformando em auditório e, em seguida, recebe divisória de madeira e transforma-se salas de aula improvisadas. Além de alguns outros

espaços que vão se transformando conforme a política educacional, vai também se modificando, como é o caso de uma cantina construída e mantida, segundo nossos informantes, pela comunidade que deixou de ser cantina, que deixou de ser cantina, ganhou um morador, uma pessoa que fazia o papel de vigia e zelador e depois virou biblioteca. Essas transformações são interessantes.

Aponto no meu texto para um fenômeno que achei bastante intrigante: como algumas coisas não se veem dentro da escola, pois elas são tão naturalizadas que se tornam invisíveis. Encontrei durante minha pesquisa duas dessas coisas invisíveis na escola. O atraso dos alunos pela manhã e a noite é a primeira delas. A segunda foi as grades da escola. Esse foi ao meu grande susto e me mostrou que uma pesquisa é uma estrada de mão dupla. Ela é capaz de interferir no olhar do pesquisado que também pode interferir no olhar do pesquisador. Até o momento que pedi para meus sujeitos de pesquisa desenhar a sua escola eu não via as grades. Quando recolhi os desenhos e as grades começaram a saltar na minha frente foi que dei conta delas, elas eram tão naturais para mim professor e elas nunca me puseram limites, portanto não as via.

Outro assunto que me assustou durante a pesquisa foi o surgimento de alguns desenhos de cocô com mosquitos e tudo para representar a escola. Segundo a Professora e pesquisadora Rita Ribes eu procurei essa bosta e devo concordar com ela, pois fui atrás dos sujeitos pesquisados várias vezes sempre trocando ou modificando minhas ferramentas de pesquisa. Isso não invalida a resposta dos sujeitos, mas é possível que demonstre mais o que o eu pesquisador queria ouvir devido minhas certezas.

Por último no capítulo cinco, trago para finalizar essa conversa a narrativa de Monalisa, um fenômeno que com certeza se repete em várias escolas. Como um adolescente se transforma e a escola não vê ou finge não ver toda a trajetória dessa pessoa. A escola apenas se dará conta do que aconteceu quando Monalisa faz uso dos seus direitos. Nesse momento a comunidade escolar, professores, equipe de apoio, orientadores e gestores descobrem que Monalisa existe e que não é menino.

Novamente, o pesquisador é transformado pela pesquisa. É claro que tenho conhecimento de toda luta LGTB e que tem estudos profundos nessa área para dar conta das muitas situações desse grupo. Contudo eu ainda tinha algumas ideias e conceitos errados sobre isso. Ao escrever sobre Monalisa fui obrigado a pesquisar e com a ajuda de Luciano Marques

da Silva² um amigo militante dessa causa me inteirou, e assim pude desfazer mais algumas certezas que me atrapalhavam entender Monalisa.

Então, se essa pesquisa não atingiu todos os seus objetivos, ao menos um importantíssimo foi atingido: o eu pesquisador sai transformado; o eu escritor mais seguro e com menos medo de escrever; e, o eu professor com a visão e a mente mais alargadas ao pensar sobre o que é uma escola e o que é a educação.

²Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc) da UFRRJ. Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Especializando-se em Educação Sexual. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário Carioca. Premiada pelo Seminário Internacional Fazendo Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Menção Honrosa no IX Fórum da Pós-Graduação da UFRRJ. Investiga, atualmente, as perspectivas dialógicas como estratégias político-pedagógicas para a Educação em um contexto mais inclusivo e receptivo às diversidades.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida durante 2014 e 2015 no espaço escolar de uma unidade da Rede Pública de Educação do Estado do Rio de Janeiro no qual o autor leciona há mais de duas décadas. Pesquisa que nasce do desejo de produzir possibilidades de diálogos com alunos e comunidade e, assim, perceber como se dão as relações entre os diversos sujeitos que compõem o universo dessa unidade. Para atingir tal objetivo, esta pesquisa coleta histórias que dão conta de como surgiu a tal unidade. Nessas histórias pode-se observar o grau de participação da comunidade na idealização, construção e manutenção da mesma. Além das histórias da formação da escola, outras histórias de alunos e de alguns fenômenos invisíveis, ao menos para alguns grupos desse espaço, são contados levando a reflexão sobre as relações que se dão nesses espaços. A pesquisa também apresenta elementos gráficos produzidos pelos educandos durante o desenvolvimento do trabalho e que, mais uma vez, esses elementos gráficos (desenhos) nos servem de balizamentos para refletir as relações no espaço escolar.

Palavras-Chaves: Prática de ensino, Professores e aluno, Comunidade e escola, Ambiente de sala de aula

VELASCO, Luiz Antonio Nolasco. **Histórias de Cuspe e Giz**. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

ABSTRACT

This research was carried out during 2014 and 2015 at school of a unit of the Public Network State Education of Rio de Janeiro where the author teaches more than two decades. Research that is born from the desire to produce dialogues possibilities with students and community and so understand how to give the relationship between the various subjects that make up the universe of this unit. For this research achieve this goal collecting stories that tell of how such unity came. These history can observe the level of community participation in the idealization, construction and maintenance of this. In addition to the history of the school of education, students and stories of some invisible phenomena, at least for some groups of this space are counted leading to reflection on the relationships that occur in such space. The survey also shows graphics produced by students during the development of the work and once again these graphics (drawings) serve in the guideposts to reflect the relationships within the school.

Key Words: teaching practice, teachers and students, community and school, classroom environment

VELASCO, Luiz Antonio Nolasco. **Stories Spit and chalk**. 2016. 116 p. Dissertation (Master of Education) Institute of Education / Multidisciplinary Institute / PPGEduc / Rural Federal University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	16
1.1. O que eu quero?	20
1.2. Ponto de vista de uma Escola ou a escola sob um ponto de vista	22
1.3. O como, o onde e o quando	26
CAPÍTULO 2. MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR EM NOVA IGUAÇU	30
2.1. Um “lugar especial”	33
CAPÍTULO 3. O “LUGAR ESPECIAL”	35
3.1. O Nascimento do “lugar especial”	38
3.2. O nome do “lugar especial”	41
3.3. O cronotopos	43
3.4. O Auditório que não é	49
CAPÍTULO 4. SOBRE AS COISAS QUE EU NÃO VIA NO “LUGAR ESPECIAL”	54
4.1. A Escola + As Grades = Prisão?	58
4.2. A “bosta” e suas “moscas”	65
CAPÍTULO 5. VIDA VIVIDA POR MONALISA.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICE	91

INTRODUÇÃO

Até mesmo os pesquisadores e os estudiosos mais renomados das Ciências Sociais perseguiram e/ou perseguem, por toda sua vida, um objeto ou uma questão de pesquisa. Alguns deixam essa questão como herança para aqueles que se filiaram a eles. Fica claro então que tais “renomados” tiveram, durante suas vidas de pesquisas, idas e vindas em suas questões, sendo essa relação ora tempestuosa e com altas ondas, ora mar calmo e céu de brigadeiro.

Então, é claro que um pesquisador iniciante terá alguma dificuldade, igual a um garimpeiro que procura o diamante de sua vida. Não é fácil encontrá-lo. É preciso escavar a rocha ou permanecer várias horas dentro d’água, passando a bateia e peneirando, peneirando. E, mesmo quando ele acha a tão sonhada pedra, ainda terá que lapidá-la, sendo esta outra tarefa de extrema dificuldade, porém necessária para trazer à luz todo o brilho da pedra e torná-la valiosa. Para nós, iniciantes em pesquisa, o trabalho e dificuldade parecem ser insuplantáveis.

Sou professor do ensino básico há trinta anos, estive e estou em sala de aula durante esse tempo. Foi nesse local, nessa luta, que encontrei minha pedra preciosa, a questão que me fez voltar aos bancos da faculdade e cursar Pedagogia e, agora, tentar dissertar sobre essa questão.

Minha formação é em História – curso que concluí há algum tempo. As questões pedagógicas sempre foram pontos de discussões para mim, como a forma, o conteúdo entre outros. Mas uma questão que me atingia sempre no peito e diretamente na cabeça, deixando-me atordoado era o Discurso da Qualidade ou sobre ela.

Durante esse tempo de trabalho, no chão da escola, na poeira do giz, li e ouvi textos maravilhosos e discursos importantes sobre Qualidade na Educação. Mas o que sempre me incomodou foi a pergunta – de que lugar se fazia tal discurso. Não se ouvia a “voz rouca” que subia do barro do chão da escola. Onde estava a voz do aluno, dos pais, das merendeiras, das serventes, da comunidade no entorno da escola e, principalmente, dos professores que, como eu, estavam e ainda estão repletos do pó de giz e do álcool do mimeógrafo.

Desse incômodo surgiu, durante as aulas de Pedagogia, nas quais falávamos da pedagogia do oprimido entre outros escritos de Paulo Freire – a questão que tenho perseguido como Dias Paes Leme perseguiu as suas esmeraldas. Fazer ouvir a voz de quem, até agora, até onde eu sei, não se ouvia – estou buscando esses atores para me contarem a história da escola. Sei que alguns irão dizer que a escola não é uma entidade única, ela não é igual em todos os

lugares; no entanto quero ouvir “meus outros”, nesse lugar que tenho vivido, essas quase duas décadas de trabalho.

Penso que, contando a história de uma determinada e especial escola da Baixada Fluminense, posso trazer para o centro da questão a Qualidade da educação a da voz de quem faz os processos educativos acontecerem e dando, assim, vida vivida na poeira do chão e do giz.

Quero ser, portanto, o cronista dessa poeira, desse grão ou quase nada. Como nos aconselharia o poeta, quero ser o cronista dos resíduos, porque de “tudo fica um pouco” de mim e de ti, de nós.

Segundo as “ciências duras”, criticadas por Bakhtin no texto “metodologia das ciências humanas”, o ato de pesquisar é unilateral, onde a vontade do pesquisador é que capta o objeto e suas particularidades, assim entendemos que as ciências da natureza ou as ciências duras sempre pesquisam sobre, pois seus objetos, ao menos para eles, são inanimados e não possuem a faculdade da razão.

Entretanto, o pesquisador do campo das ciências humanas não deve ou não pode esquecer-se que, segundo Bakhtin, o “objeto” dessas ciências é o ser expressivo e falante (Bakhtin, 1992) isto é, a pesquisa é realizada com um ser vivo que pensa e é capaz de expressar o que sente e mudar os seus pensamentos. Portanto esse “objeto” “nunca coincide com ele mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado.” (BAKHTIN, 1992).

A partir disso, como pesquisador no campo das ciências sociais, não pesquiso sobre, e sim, com o meu campo. Pois meu campo de pesquisa é, em última instância, a realidade social na qual estou inserido, assim ocupo, a meu ver, três lugares: sou, ao mesmo tempo, pesquisado, pesquisador e, em um determinado momento, sou o escritor que dá o fechamento ou o acabamento estético para o texto, a minha obra que se fundamenta nos dados levantados durante os outros momentos da pesquisa.

Na pesquisa realizada, por hora, começo a entender que não estou fazendo ou procurando saber algo sobre aquele objeto. Tenho percebido que ele – o campo vivo, expressivo, carregado de significados e prenhe de sentidos multiformes – tem me levado a observá-lo. Tenho notado que é o campo que tem se mostrado para o meu eu pesquisador, como um amante apaixonado se mostra gradativamente a sua paixão, à medida que vai confiando neste.

Depois que começo a me colocar à “espreita” – não escondido, mas de peito aberto, com olhos e ouvidos atentos ao campo que se abre e se confia – percebo que sou transformado, modificado. Meu olhar deixa de ser o de um mero participante da realidade para tornar-se o

olhar de um pesquisador, um perguntador arguto e hábil; mas o campo também é astuto e responde apenas as perguntas sensatas e penetrantes.

Deixo declarado que o esse ato de fazer pesquisa, nesse nível de proposta, deixa-me sempre em desequilíbrio, sempre à mercê do campo; porém, para não perder a autoria, preciso, no momento da escrita, buscar uma visão de fora, isto é – afastar-me do campo e tornar-me o autor, o artista que, esteticamente de fora do problema, busca a mais perfeita arquitetônica para a obra.

Acredito, portanto, que tentar realizar esta pesquisa, nesse caminho, não é buscar as respostas para as perguntas já feitas e para as quais já se tem as elucidações – isto seria o pesquisar sobre. O Pesquisar “com” é o estar pronto para entender o campo, imerso nele, como ele é, deixando-o livre para se mostrar real e completo. Acredito que pesquisar “com” é descobrir como Nelson Rodrigues a “vida como ela é”.

Depois de já ter construído boa parte da pesquisa, encontrei-me em um momento dramático do trabalho. Como foi dito pela professora Rita Ribes³ - eu juntei ou colecionei uma enorme quantidade de quinquilharias e as coloquei em uma caixa. – Assim, com a ajuda da professora e de meu orientador, percebi o tamanho da enrascada em que me encontrava e que estava diante de um grande desafio.

Elaborei várias estratégias para buscar as informações as quais eu acreditava ser importantes para a minha pesquisa. Recolhi diversos elementos, ouvi várias narrativas que apresentavam aquilo que eu entendia como sendo meu caminho de pesquisa. Parece-me que perdi e\ou ganhei tempo escolhendo estratégias e, por não me dar por satisfeito, segui mudando ou substituindo as mesmas – isso por que não queria escutar o que o campo falava, por já ter ideias predefinidas.

Restou-me apenas organizar a minha caixa de quinquilharias e para isso fui obrigado a abandonar as minhas certezas, deixando que as quinquilharias que estavam na caixa me apontassem por onde seguir. A partir disso, devo então assumir o controle e o proceder como um colecionador que organiza seu acervo, colocando ordem nos objetos colecionados segundo seus objetivos.

Desse modo, eu, meu orientador e alguns amigos e amigas leais que sempre estiveram juntos nesse caminhar nos embrenhamos na minha caixa de quinquilharias, despejamos e espalhamos tudo pelo chão, observamos o que esses objetos nos ensinavam, o que eles diziam

³Rita Marisa Ribes Pereira Brasil, bolsista de Produtividade em Pesquisa. CA ED – Orientador de Doutorado. Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (2003). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

e qual o caminho a seguir. Então, percebendo o caminho apontado, pudemos traçar as estratégias de como percorrer essa estrada para assim encontrarmos a estratégias que fosse perfeita, ou quase perfeita para a apresentação de tudo que consegui colecionar nesses vinte quatro meses de caminhos e atalhos, até chegarmos ao nosso destino: “As Estórias de Cuspe e Giz”.

Ainda me resta um esclarecimento importante. Fui instado pela amada professora Rita Ribes a explicar o porquê da utilização desse título em minha dissertação – uma expressão muito usada para insultar, injuriar e ofender escolas e professores que se utilizam apenas de sua voz e do quadro negro para lecionar. Contudo, durante a maior parte do meu tempo de magistério, exercido em escolas públicas estaduais, na baixada fluminense, nós professores apenas tivemos como instrumento de trabalho mimeógrafo, giz, quadro de giz e, lógico, nossas vozes.

Uso a expressão “histórias de cuspe e giz” para dar nome a este trabalho, não intencionando insinuar que as histórias aqui contadas não tenham importância, sejam ruins ou mal elaboradas. Na verdade, meu objetivo é apresentar histórias e fatos que foram recolhidos durante o trabalho e a vivência dentro da escola e na sala de aula entre livros, pó de giz, quadro de giz, folhas mimeografadas e muita saliva para dar várias aulas seguidas em salas superlotadas. Essa expressão é uma forma de dizer que essas narrativas e reflexões sobre uma determinada e especial escola são reais, foram vividas, sentidas, percebidas e sofridas durante o processo ensino/aprendizagem na relação eu e o outro, no diálogo, na responsividade e no ato responsável. Ela é uma expressão legitimamente escolar, concreta e faz parte da tradição dentro dessa instituição.

1.1. O que eu quero?

*As coisas que não têm dimensão
são muito importantes...*
Manoel de Barros.

“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”⁴. Pensando nessa afirmação de Leonardo Boff (1998) é que exponho os meus anseios com o trabalho que ora começo a desfiar nestas linhas um tanto tortas.

Durante os últimos vinte quatro meses, tenho colecionado histórias e lembrado outras. Tenho ouvido gente e fatos os quais vi, chorei, sorri, esqueci. Isso porque acredito ser preciso pensar essa instituição chamada escola.

Entretanto, é necessário fazer um recorte porque não estou querendo falar de todas as escolas, mas de uma especial, aquela na qual estou há quase duas décadas trabalhando. Durante esse tempo em que estive nesse lugar, entre o pó de giz e a saliva das aulas expositivas, nasceu-me uma necessidade imperiosa de entender os olhares que os meus outros, os meus sujeitos de pesquisa, os meus alunos têm sobre e daquela escola. Digo isso porque, se é nessa relação eu/outro que me incompleto e me vejo obrigado a dar uma resposta para essa incompletude, assim é o olhar do outro que me traz à vida, obrigando-me a entender como esses outros olham, significam ou ressignificam aquela escola em especial.

Dessa forma quero pensar a escola com/a partir de/junto aos alunos, professores, funcionários e comunidade desse lugar especial e a partir das histórias colecionadas, das falas e das representações das personagens que compõem esse universo chamado Colégio Estadual São Judas Tadeu.

Voltando ao pensamento de Boff, reflito – se os meus pensamentos estão diretamente ligados ao lugar onde meus pés pisam, então para atingir meu objetivo preciso conhecê-lo trazendo a público esse lugar no qual pretendo pensar e compreender. Assim almejo começar narrando a história do nascimento dessa escola e mais algumas narrativas que nos ajudaram a traçar um perfil desse espaço que, por diversas vezes, denomino “um lugar especial”. São histórias que, como anunciamos em nossa epígrafe, não possui, para alguns, monumentalidade qualquer, mas que, aos olhos daqueles que nos contaram, são muito importantes, imprescindíveis! Histórias de um determinado espaço/tempo – um lugar no qual há quase duas décadas tenho intercambiado experiências de vida coletiva com outros seres humanos iguais e

⁴BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

diferentes de mim. Experiências de todo tipo, não só profissionais, mas também de vida plena e em plenitude.

São histórias não contadas, não sabidas; histórias que existem, mas que pouca gente sabe; histórias que não foram escritas, mas foram passadas adiante, e que perambulam por aí como fantasmas, implorando para que alguém as conte e as reconte, que as ressuscitem de seu silêncio. São histórias corriqueiras de nossos bairros, de nossas esquinas e quintais; histórias miúdas, contadas pelas bocas miúdas. E, assim, escolho meus interlocutores, os herdeiros, os ouvintes e os protagonistas da história – o homem do povo, a mulher, a mãe, o professor, o aluno, a criança, o comerciante, o empresário, o travesti e todos que vierem a se encontrar nesse campo-tempo-espaço de pesquisa.

Pesquisa essa que não começa nem termina aqui, pois diz respeito ao movimento da própria vida do pesquisador, ao movimento da vida de cada um que em cada história, com o passar do tempo, fica na boca do povo que, amiúde, brinda-nos com seus causos, seus fatos, seus acontecimentos por todos os tempos e cantos do mundo – causos esses que a espuma dos dias vão depositando na poeira dos tempos e dos lugares.

Quero ser, portanto, o cronista dessa poeira, desse grão ou quase nada. Como nos aconselharia o poeta – quero ser o cronista dos resíduos, porque de “tudo fica um pouco” de mim e de ti, de nós. Mas ao mesmo tempo em que construo a crônica dessa poeira, também ela será a que me possibilitará entender o lugar de onde pensam meus interlocutores e o que eles pensam. Quero trazer o que dizem dessa escola e o que ela diz de si; quero pensar essa escola, mas não quero pensar sozinho, quero pensar a partir do olhar do outro, a partir do que este me diz; quero pensar essas relações; quero pensar não só das histórias, mas também a partir de elementos iconográficos, como os desenhos elaborados por alguns alunos em determinado momento da pesquisa para representar sua escola. Acrescento que nem tudo é dizível com palavras, nem tudo a gente consegue dizer através das palavras; portanto indago sobre qual é o lugar que damos à palavra na sociedade? Além de trazer as imagens, procuro trazer algumas palavras e frases que são ditas à boca miúda, mas que são formas de se demonstrar qual a relação dos sujeitos com essa escola.

Quero pensar que formas de expressão esses alunos têm, demonstrando como é que se pode dizer aquilo que não posso dizer por palavras e quais maneiras eles estão usando para dizer o que pensam.

1.2. Ponto de vista de uma Escola ou a escola sob um ponto de vista

Conforme afirma Boff, “todo ponto de vista é a vista de um ponto”⁵, minha empreitada é mostrar o Colégio Estadual São Judas Tadeu sob certo ponto de vista. Ainda segundo Boff, se cada sujeito lê e interpreta o seu mundo com os olhos que tem, o que temos para contar, então, é o ponto de vista que os olhos de nossos sujeitos viram. O ponto que quero é o ponto dos alunos, porém o que apresento nestas páginas é, na realidade, o meu ponto de vista a partir do ponto de vista dos meus sujeitos de pesquisa. Trocando em miúdos – o que eu penso do que eles pensam.

Se a escola é o lugar dessas relações, como diz Paulo Freire – que a escola é feita de gente⁶, é esse o lugar da relação que se dá a partir do outro. Na realidade, o interesse desta pesquisa é o que esses outros (alunos, funcionário, professores) têm a dizer sobre essa escola e como o que esses outros dizem é considerado nas relações no cotidiano da escola.

Assim as estórias aqui contadas nos apontam para uma responsabilidade como a que Bakhtin se refere em “Para Uma Filosofia Do Ato Responsável”⁷. Ao ouvir meus sujeitos de pesquisa é imperativo que vejamos as suas histórias como sendo narrativas produzidas por indivíduos, que poucas vezes foram chamados para dizerem algo sobre sua escola e até sua própria vida. Até aqui esses alunos e alunas foram “convidados” a avaliarem suas vidas acadêmicas e a participação na vida sob os olhares vigilantes e, algumas vezes, severos de seus professores e de outros adultos.

Como cada ato é um ato meu e, portanto, sou o único responsável por ele, então a vontade de contar essas histórias, com o objetivo de produzir uma reflexão sobre o Colégio Estadual São Judas Tadeu, tem em mim um compromisso ético e moral com meus sujeitos, pois me confiaram uma parte deles, os seus pontos de vista do que eles entendem que seja a realidade escolar na qual estão inseridos. Apesar de ser esse o meu interesse nesta pesquisa, pode-se dizer o que estou trazendo não é a visão pura do outro, mas sim é a minha visão sobre a visão desses outros.

Assim como tudo que aconteceu um dia, nossa escola aconteceu e acontece ainda e tem um passado que a constitui enquanto instituição de ensino, de educação e de cultura. Passado

⁵ BOFF, Leonardo, 1998, Página 9.

⁶A *Escola é* (Paulo Freire) Disponível em: <<http://profgege.blogspot.com.br/2008/01/poema-escola-paulo-freire.html>>. Acessado em 21 jan. 2016.

⁷BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160p.

esse que deve ser levado em consideração em nosso presente, mas que, infelizmente, não tem sido assim o tempo todo.

Todavia, apesar de termos uma história e de sermos parte desta história, desconfia-se que a maioria de nós que aqui trabalha/trabalhou, estuda/estudou não a conhece. Dessa desconfiança nasceu o meu desejo, a minha responsabilidade e a minha tarefa – narrar o processo de criação, formação, desenvolvimento e consolidação de uma instituição de ensino encravada na Baixada Fluminense, contado pelos sujeitos que participaram e participam desse processo e no bojo deste trazer algumas falas e reflexão desses sujeitos sobre o Colégio Estadual São Judas Tadeu. Tarefa mais que científica – afetiva – como aquela do Pequeno Príncipe “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (Saint-Exupéry). Essa escola me cativou com tudo que nela existe, com suas virtudes e seus vícios, nem bem, nem mal, apenas uma escola real.

À primeira vista, pareceu-me tratar de uma tarefa simples – contar a história de uma escola. Mas foi aí que a “porca torceu o rabo”, como diria “Seu Osvaldo” – meu pai, dando-me conta de que, em pesquisa, nada é dado de graça. Quanto mais se avança, menos se sabe, e que tudo aquilo que vemos é apenas a ponta de um imenso iceberg e tudo que nos cerca – sala, paredes, corredores, janelas, carteiras, fichários, nomes, discursos, retratos e principalmente as pessoas são histórias que se conta sobre aquele/este lugar – são resíduos, pedaços de nossas memórias.

São dessas quinquilharias de diversos tipos, origem e natureza que pretendemos adentrar o *espaço/tempo* dessa escola, com o olhar ingênuo de uma criança querendo saber de tudo, perguntando por tudo aos outros, as próprias coisas e nós mesmos quando for o caso. Mas que simples desejo e curiosidade de conhecê-las, queremos conhecê-las para amar e preservá-las, contar uma linda história sobre elas e arrancá-las do estado de coisa bruta para estado de coisa viva e sensível. Assim como no poema (memória⁸) de Drummond, queremos amar o perdido que há nelas; queremos ter a certeza que as coisas findas, muito mais que lindas, ficarão e que nada no mundo estará definitivamente perdido para história.

Como dissemos acima é tarefa científica e também de compromisso com a vida e a história de um lugar onde vivi e vivo por mais de duas décadas. Essa tarefa a que aqui me imponho como meu dever, porque compromissado com a vida, é ato científico e de

⁸ ANDRADE, C. D. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. Memória

amorosidade. Como os moradores de Javé⁹, temos que contar uma história para que as forças do progresso não venham, em definitivo, nos destruir.

Meus compromissos:

I. Compromisso ético e moral: a perspectiva de pesquisa com a qual tenho dialogado me leva a assumir um compromisso com as narrativas. Interessa-me, portanto, narrar como se dá a relação entre a escola e seus outros. Interessa-me, a partir das seleções de histórias que apresentem pontos de vistas variados – sejam estas histórias contadas oralmente ou ditas através de imagens e desenhos – ouvir e recontar as falas que tenham as ideias trazidas pelos sujeitos, não apenas como usuários, mas como protagonistas e agentes comprometidos de sua/nossa própria história. Portanto, num primeiro momento, cabe-nos perguntar: O que essa escola foi/é ou está sendo para todos aqueles/aquelas que aqui estiveram/estão? O que nós estamos sendo/fomos para ela? Como cada um de nós a vê?

Como segundo nosso ponto de vista – alunos, professores, servidores, comunidade em geral pensamos e refletimos esse espaço? Também me parece preciso narrar essas histórias que dão conta das relações entre os atores sociais desse espaço e prestar atenção ao que os sujeitos da pesquisa declararam. Considerar a narrativa por este viés não significa apenas uma questão de verdade, mentira ou omissão.

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (Marxismo, p. 95).

Assim, fazendo uso dos conceitos bakhtinianos de VERDADE para discutir e refletir tais relações, precisamos entender em Bakhtin os conceitos *Pravda e Istina* que foram utilizados nessa pesquisa. Em Bakhtin, segundo Prof. Dr. João Wanderley Geraldi (2003) Pravda

[...] é a VERDADE com responsabilidade e válida alcançada na realização, associado à categoria marxista da totalidade, à responsabilidade dentro do próprio ato, inescapável, irrevogável e irremediável no contexto em que o realizo. Pravda exige como seu complemento a dúvida. Somos remetidos à descontinuidade das formações discursivas (inflexão no interior da forma discursiva), assim como à descontinuidade das descobertas.¹⁰

Istina, ainda segundo Geraldi, “é o conceito verdadeiro válido em si, como por exemplo, a verdade de um enunciado.”¹¹ Então percebo que o conceito que nos interessa aqui, numa

⁹Moradores de Javé é uma referência ao filme brasileiro de 2003 “Narradores de Javé” do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé, do qual falaremos mais à frente.

¹⁰Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00006.htm>>. Acessado em 27 jan. 2016.

¹¹ Idem.

pesquisa em educação, é o primeiro conceito – Pravda. Ela é que nos remete à dificuldade que o pesquisador enfrenta na questão de não produzir seu texto sem “verdades” ou com “omissões”. Omitir algumas falas e/ou testemunhos é uma prerrogativa do pesquisador, pois ele necessita apresentar sua pesquisa, sua coleção e, forçosamente, terá que optar pelos fatos e testemunhos que mais dialoga com suas questões de pesquisa. O pesquisador terá que escolher, pois não caberão todos os dados conseguidos durante a pesquisa em seu texto, apenas aqueles que respondem aos seus objetivos. O pesquisador terá que se posicionar e, ao fazê-lo, as suas escolhas irão refletir a sua posição.

II. Compromisso epistemológico: Buscando uma reflexão mais geral das relações que se estabelecem entre o sujeito e o objeto, isto é, o eu pesquisador e as relações entre a escola e seus sujeitos é que vejo a necessidade de pensar e compreender a escola, não como uma unidade isolada no tempo e no espaço, mas como um organismo vivo, coletivo, dialógico, polifônico, polissêmico; portanto, de múltiplas vozes, visões, usos e compreensões – em outras palavras, um sujeito histórico, concreto, uma obra humana, feito por mãos humanas. Desta forma cabe-nos perguntar: Qual ou quais foram/são os sentidos que demos ou temos dado para ela? Qual tem sido a minha/nossa visão sobre a educação e o ato de educar?

Assim sendo, a tarefa a que nos propomos não é de escrever uma narrativa que tenha única voz ou uma voz que paire sobre demais, dominando-os, mas a de produzir, a partir dessas várias vozes, um sentido que, no fundo, relaciona-se mais com a vida das pessoas que habita/frequenta a escola. No fundo, poderíamos afirmar que não é a escola em si que nos interessa, mas a nós mesmos enquanto sujeitos construtores desta. Em outras palavras, interessa-nos mais entender como um fato, um acontecimento pode ser visto e narrado por diferentes pontos de vista de cada narrador. Como Carvalho estamos convencidos de que

No teatro da linguagem, verdades e mentiras não são propriedades intrínsecas aos “objetos”, não estão lá como coisa bruta à espera de nossas descobertas: são produções discursivas de um sujeito que investiga e se manifesta [...] a partir de sua carne e seu sangue emitindo um juízo, um ponto de vista (Carvalho, 2005, p. 102 s).

O problema não está, a nosso ver, no que este ou aquele narrou ou deixou de narrar, mas antes, considerar que o que este ou aquele diz pode ser, ao mesmo tempo, Pravda e Istina – dependendo do lugar de onde se olha e da maneira de como se olha. O problema está em pensar de forma excludente: se é uma coisa, não pode ser outra. Reconhecemos logo que nossos afetos interferem na nossa forma de ver e abordar a escola. Estamos cientes que, por maior que sejam nossos cuidados metodológicos, eles jamais poderão neutralizar de todo nossas preferências, nossos valores, nossas crenças, nossos desejos e interesses sobre ela. Em outras palavras

inscrever os objetos de pesquisa na esfera de nossos afetos nos obriga sempre a considerar os limites e as limitações deste trabalho. Significa reconhecer que por mais que tenhamos tais cuidados corremos sempre o risco de sermos enganados por nossas próprias convicções, sentimentos, valores.

Nosso objeto de pesquisa não é, de fato, concreto nem completo, é antes objeto inventado/reinventado nas cores de nossos afetos e sendo assim, não nos encontramos aqui no campo da produção científica positivista, mas no âmbito de uma ciência do particular e subjetiva em que os sujeitos narradores e o objeto se implicam, imbricam-se, dialogam, hibridizam-se, enquanto se dirigem e falam um ao outro. Estamos convencidos, pois, que narrar os acontecimentos de um lugar por diversos pontos de vista não significa querer abarcar sua totalidade, mas antes, revelar sua realidade inesgotável e sua incompletude no fio e no desafio de cada memória. Por que, como nos diz Drummond de tudo fica um pouco.

1.3. O como, o onde e o quando

Estamos convencidos de que do pequeno se constrói o grande, da semente se faz a floresta, do grão em grão é que se enche o papo do bate-papo da conversa da pesquisa. Somos sim, poderíamos afirmar, colecionadores de pequenas narrativas. São elas, essas pequenas histórias sem importância, que parecem sem relevo ou relevância quando estamos habituados a elas. Entretanto, são a elas que nós voltamos neste momento para, quiçá, nos desacostumarmos a elas e, deste modo, captarmos a história se fazendo e se refazendo no momento de sua própria emergência. Assim, conforme nos faz ver Carvalho.

Pesquisamos, ou gostaríamos de pesquisar, a história onde ela está fora de controle, no cotidiano — um lugar sem eira nem beira — onde habitam tanto o rei com seus ministros quanto o homem mais ordinário — ordinário em todos os seus sentidos. Lugar onde as coisas começam e terminam, encarnam-se e se desencarnam. Lugar onde a palavra, tanto interior como exterior, se encontra desordenada, e não fixada num sistema acabado, sempre em fluxo-refluxo, circulando nas bocas e nos becos por entre os dentes e as pregas da vida (CARVALHO, 2012, p.111).

Ainda segundo Carvalho, é no cotidiano que as coisas perdem ou ganham sentidos, ganham novos rumos e, portanto, para ele, o cotidiano, o *espaço/tempo* de instituição/destituição, constituição/desconstituição de valores em que as coisas são chamadas à sua existência/desistência, são chamadas ao mundo das próprias coisas.

Em suas palavras,

é aí, no cotidiano, que todas as histórias acontecem acontecendo [acontece/desancontecendo] na seiva secretada da vida sempre a jorrar seu líquido, e que só depois serão codificadas, estabilizadas nos sistemas da arte, da religião, da ciência e da política e constituirão — algumas, não todas —, as páginas das nossas histórias e fantasias (CARVALHO, 2012).

Quero, então, narrar fatos e acontecimentos de um determinado *espaço/tempo*: a escola na qual por mais duas décadas intercambiei experiências de vida pessoal e coletiva com outros seres humanos iguais e diferentes de mim. Quero apresentar essas experiências não só profissionais, mas de vida em plenitude. Como bem nos adverte Bakhtin (1993), a vida de um homem quando vivida com responsabilidade responsável e responsiva não pode ser fragmentada em ora isto ora aquilo, a vida só pode ser vivida por inteiro, só pode ser única e insubstituível e mais: a vida de um homem só pode ser completa e com sentido quando vivida organicamente em suas três esferas: ciência, arte e conhecimento, cuja unidade só pode se dar na unidade responsável/responsiva de cada ser humano. Assim, único, singular e insubstituível, quero contar histórias que vivi e ouvi numa pequena parte do mundo e em um determinado espaço de tempo.

As narrativas apresentadas aqui foram ouvidas e vividas entre 1985 e 2015 em uma escola da periferia de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, o Colégio Estadual São Judas Tadeu, algumas bem antes até, mas foram recolhidas nesse tempo.

É a história de uma escola pública situada em determinada parte do mundo, mundo que vivi e vivo com meus olhos e meus ouvidos; quero pensar e refletir essas histórias corriqueiras que ali vivi, vi e ouvi; histórias miúdas contadas pelas bocas das gentes miúdas, meus interlocutores personagens e protagonistas: alunos e alunas, pais e mães, professores e professoras, diretores e diretoras, serventes, merendeiras e pessoas das redondezas. Pessoas de tudo de quanto é jeito e tipo: preta, branca, pobre ou rica, gorda, magra, simpática ou ridícula, pois história que escolhe gente é história de mentira e não história vivida.

Portanto, a pesquisa não começa nem termina aqui ou ali, pois diz respeito ao movimento da própria vida em que cada homem ou mulher vai vivendo do jeito que dá e que pode. Nesse sentido, nunca será uma história completa com começo meio e fim, mas narrativas em que vão sendo, se esvaindo ou se acumulado conforme cada ponto de vista. Nem verdade nem mentira, mas histórias que vão pregadas as almas de cada sujeito; histórias que se contradizem, histórias que se negam, mas em todos os casos, dizem.

Não é história única que aqui almejamos do tipo “A história da escola tal, do bairro tal, contada por tais e tais sujeitos”. O que quero é esquadrihar uma compreensão da escola, não

a partir de uma visão *a priori*, isto é, não quero aquele retrato da escola que já está dada independentemente da experiência. Quero compreendê-la a partir do que os meus sujeitos de pesquisa irão me dizer, a partir da perspectiva dessa escola específica, porque nem sempre o que esses sujeitos irão informar se aplica às outras escolas. É a análise daquele contexto a partir do discurso daqueles sujeitos, das narrativas no plural, contadas pelo ponto de vista único e exclusivo de cada sujeito que a viveu ou vive. Não é uma única história contada por muitos, mas muitas histórias contando a história de um determinado *espaço/tempo (a escola como um todo que abarca a todos) a partir* de muitos lugares: do lugar único e insubstituível de cada indivíduo.

Portanto essa pesquisa está mais para relação dos sujeitos com a escola do que para uma avaliação de metodologia ou outra coisa qualquer. O que estou buscando demonstrar ou apresentar é como os indivíduos de uma determinada localidade significam ou ressignificam uma determinada escola. Quando trago a história da criação e construção da escola ou a história de Monalisa, estou apontando para a relação que as pessoas da localidade, professores, funcionários e alunos mantiveram e mantêm com a escola.

Através dessas histórias é que eu quero demonstrar como os alunos ressignificam a escola, embora alguns afirmem que o pesquisador não deve ir ao campo de pesquisa com uma ideia preconcebida. Contudo, se meu objetivo na pesquisa é demonstrar como os alunos ressignificam a escola, então, ao analisarmos a história de Monalisa, podemos perceber que os movimentos que os/as estudantes promovem em defesa dela e ela própria quando parte em busca de que seus direitos sejam garantidos estamos diante de uma ressignificação. É outra escola que está se desenhando. E é por isso que ouvi e quero contar essas histórias.

Nossa perspectiva de pesquisa se afina plenamente com aquilo que aprendemos com Walter Benjamin (1985, p 233), qual seja: cabe a nós a tarefa de ouvir simplesmente e depois narrar os acontecimentos tal qual eles se deram ou nos pareceram sem, no entanto, distinguir se são estes grandes ou pequenos. Aqui, a dimensão não importa. Importa antes, não deixar escapar o passado; passado sem o qual nossa redenção não se concretiza.

Porém, para além de ser o narrador dessas histórias sou também o pesquisador, aquele que colecionou essas narrativas e/ou desenhos. Portanto, sou alguém que, ao colecionar e narrar tais histórias, busca com elas uma compreensão da realidade vivida, pensando as relações que são tecidas no espaço escolar. Assim, não posso, como aprendido em Bakhtin, fugir do meu ato responsável (2012). Tenho a imperativa necessidade de responder e minha resposta deve ser a crítica a esses eventos.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir, entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que foi um dia ou aconteceu pode ser considerado perdido para história. Segundo Benjamin (Op. cit.), ao narrarmos uma história, deveríamos evitar qualquer tipo de explicação, qualquer adendo e ater-se apenas ao simples ato de contar o que de fato aconteceu, e que a coisa seja contada pela própria coisa. No entanto, volto a afirmar, não sou apenas o narrador. E como pesquisador, devo interpelar e interpretar a história. Não é a história, mas uma versão dela.

Todavia, mais que um campo de pesquisa, um campo de vida, de experiências de vida. São estas experiências aqui recolhidas que se constituíram/constituirão objeto de nossas considerações e que intencionamos escrever de forma artística, visando com isso um público específico qual seja: os alunos, os professores, os servidores e a comunidade e com eles, junto com eles e para eles que buscaremos escrever o nosso texto final.

CAPÍTULO 2. MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR EM NOVA IGUAÇU¹²

*Oh abre os vidros de loção e abafa
o insuportável mau cheiro da memória.*
Carlos Drummond de Andrade¹³

Quem és tu? E ele assim o respondeu: sou como quase todos da Baixada Fluminense, filho de uma família de imigrantes vindo do interior das Minas Gerais e de São Paulo. O sexto filho do Seu Osvaldo, um homem aventureiro, assim, como são milhares de brasileiros que, para ganhar a vida, fazia as mais diversas atividades. Poder-se-ia dizer dele que foi negociante inveterado, um homem de mil profissões ou ocupações: um pequeno empresário que acabava sempre falido e sem dinheiro, mas nunca sem sonhos. A cada novo fracasso, novos sonhos brotavam na sua cabeça. É que, na verdade, Seu Osvaldo não tinha tempo para se lamentar. Ele tinha oito filhos para criar e para alimentar. A seus oito filhos dizia – toda noite na mesa do jantar – “que eram a sua maior riqueza” e, também, seu maior dilema. Com aquela quantidade de filhos e com aquele mucadinho¹⁴ de dinheiro, como proporcionaria os estudos para todos eles? Diante dessa situação, embora amasse a todos com igual zelo e responsabilidade, diante dessa situação, tinha sempre que escolher quem faria isto ou aquilo. Por exemplo, para quem deveria comprar, naquele mês ou ano, um par de sapatos, tamancos, ou chinelos? Quem estava mais necessitava de ir ao dentista naquele momento? Enfim, diante de tantas privações e necessidades, ele tinha sempre que decidir entre o urgente e o urgentíssimo. Por isso, às vezes chego até pensar que foi Seu Osvaldo, e não Guimarães Rosa, que disse “que viver é perigoso” e no caso dele, também era muito cansativo. Seu Osvaldo vivia sempre correndo riscos da vida, mas nunca triste, e sempre pronto a rir e a brincar com a vida e beber “umas pingas” com os amigos. A bebida era o modo que Seu Osvaldo escapava dos enfados do dia-a-dia; era como se ela fosse seu psicanalista entre uma decisão e outra. Uma das piores decisões que seu Osvaldo teve que tomar foi o de decidir sobre qual dos seus filhos iria frequentar o Ensino Médio. Naquele tempo, diferentemente dos dias de hoje, a educação, ainda não era um dever do Estado e, portanto, não havia muitas escolas. Diante deste absurdo, a maioria das famílias tinha que matricular seus filhos nas escolas particulares. Sendo assim, uma família numerosa como a do

¹²Com esse texto, me apresento como sujeito de minha pesquisa, pois todas as histórias e dados aqui foram recolhidos durante minha existência e militância como educador, profissão que foi meu desejo desde rapazola, às vezes inconscientemente, outras consciente.

¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

¹⁴ No linguajar rural de Minas Gerais, ou seja, no “dialeto mineirês”, a palavra “mucado” significa “um pouco”, então, “mucadinho” quer dizer “um pouquinho”.

Seu Osvaldo, era obrigada a decidir qual dos seus filhos poderia continuar os estudos. Neste caso, o filho escolhido para completar os estudos numa escola particular da região foi o caçula da família. Cabe aqui uma explicação. Coisa essa que temos que abrir um breve parêntese para explicar.

Naquele tempo, por volta de 1961, os filhos de Seu Osvaldo ainda eram adolecentes e a educação não era organizada do mesmo modo que hoje. A escola era Pública, só no nome, ou seja, era pública, mas não para todos, apenas para alguns e, de preferência, para as famílias mais abastadas. O ensino era dividido em três níveis: Educação de Grau Primário, Educação de Grau Médio e Educação de Grau Superior.

A educação do Grau Médio era dividida em dois ciclos: o ginásial e o colegial. Estes, por sua vez, eram subdivididos em três cursos: secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário.

O colegial era dividido em dois cursos: o “científico” ou “clássico” que contemplava cursos que forneciam ao estudante uma base para o Vestibular¹⁵, a entrada para a Universidade; e o ensino Normal, que preparava a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância. O curso Normal, naquela época, era um curso para moças¹⁶.

Diante dessa situação, no ano de 1970, Antonio, o sexto filho de seu Osvaldo, depois de terminar o ginásial¹⁷, a exemplo do pai, foi em busca de uma vaga em alguma escola pública da região. Não conseguiu. Teve que adiar o sonho de estudar e de quiçá um dia virar doutor médico, advogado ou engenheiro. Sonhos que, naquela época, era para poucos e, quase sempre, e na maioria dos casos, só para os ricos.

Por isso, Seu Osvaldo sempre dizia para todos seus filhos e, principalmente, para Antonio, o mais rebelde dentre todos eles: “deixa de bobagem menino, chega de chorar o leite derramado, a vida nem sempre é conforme a gente quer; a vida é como ela é. Vai logo e arruma

¹⁵ Vestibular é uma palavra de origem latina, VESTIBULUM, cujo significado é entrada. No início do século XX usava-se a expressão “exame vestibular” com o significado de exame de entrada. Como nós brasileiros gostamos de simplificar, acabou virando apenas vestibular para denominar a prova criada para selecionar os candidatos a uma vaga no Ensino Superior. Naquele tempo, no início do século XX, as universidades eram frequentadas pelos estudantes que vinham de famílias ricas, que estudaram em boas escolas particulares. Mas, devido a alguns fatores que não cabe no tempo e espaço do nosso trabalho a procura por vagas nas universidades aumentou superando o número de vagas. Assim, o Ministro da Justiça e dos Negócios Rivadavia da Cunha Corrêa, em 1911, resolveu criar um exame de entrada na universidade.

¹⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Curso_normal. Acessado em: 13 jan. 2016.

¹⁷ Antiga denominação, no Brasil, do ensino de primeiro grau, da 5ª à 8ª série.

um emprego. Estudar é coisa para filho de rico. Filho de pobre, se quiser, tem mais é que arrumar emprego e estudar à noite.”

Embora contrariado, com raiva e até aborrecido com seu Osvaldo, seu pai, Antonio tratou de dar rumo à vida. Foi em busca de um trabalho para ajudar nas despesas de casa e pagar, se quisesse, a escola particular para assim, dar prosseguimento em seus estudos e realizar seus sonhos de “ser alguém”, negando os destinos. Nesse período, Antonio exerceu uma série de atividades: de servente de pedreiro à desenhista cartográfico. Casou-se, teve filho e até entrou para uma universidade pública. E assim, Antonio, o filho mais novo de Osvaldo, tornou-se professor. Mas essa é uma história que contaremos a seguir.

Felizmente, naquela época em que Antonio estava procurando trabalho e escola para estudar, o Colégio Estadual Milton Campos foi inaugurado e abriu um concurso para formar turmas de Ensino Médio e esse colégio era próximo à casa de Antonio. Tanto que ele só precisava atravessar o rio que passava e em frente à sua casa e já estava ele na porta da escola e dentro da sala de aula¹⁸. Diante da possibilidade entre formação geral ou formação de professores, Antonio preferiu a segunda. É que, sendo filho de quem era, ele também era um sonhador. Achava que para mudar o mundo tinha que fazer algo em que estivesse presente a importância de conversar e encontrar com pessoas para debater os problemas do mundo e do Brasil. Sua decisão então, não poderia ter sido outra, escolheu o curso de formação de professores. Desde daquela época, Antonio vem trabalhando em prol dos seus ideais ou utopias, em prol da educação. Seu campo de luta foi prioritariamente, a sala de aula, mas também o sindicato, pois sabe que a educação, para ser de qualidade, passa pela valorização e reconhecimento de sua profissão e melhores condições de trabalho. De fato, durante esses trinta anos em que é um militante na educação, tanto na sala de aula quanto fora dela, Antonio sempre se preocupou com a formação de uma cidadania plena para todos. Por isso, sua bandeira política que tenhamos uma educação pública, de qualidade, gratuita e que todos tenham acesso à ela. Quando Antonio luta por esse ideal, ele sabe que essa é a coisa mais importante e o quanto isso foi decisivo em sua vida. Sabe, que se ele não tivesse encontrado uma vaga em uma escola pública, jamais teria se tornado um professor de História e trilhado esses caminhos. Esse saber de Antonio não vem de letra de livro, vem de vida vivida, misturada de realidade e sonho.

¹⁸ O Rio Botas é um dos rios que “banha” Nova Iguaçu. Era um rio que, em certas épocas do ano, era possível atravessá-lo sem molhar os pés. Mas, na estação das chuvas era preciso realizar uma volta enorme para chegar à outra margem. Nasce no bairro de Adrianópolis, passando por Comendador Soares, mais conhecido como Morro Agudo. Deságua no Rio Iguaçu, no bairro de São Vicente em Belford Roxo. Seus principais afluentes são os Rio Maxambomba e o Rio das Velhas.

Na sua teimosia de viver, Antonio, às vezes, era mal interpretado, não que fosse de propósito, mas acontecia e aconteceram várias vezes em sua vida de militante. E foi, assim, de luta em luta, de briga aqui e acolá que Antonio acabou por encontrar a escola que até hoje trabalha. Lugar esse que ele chama de especial e que se tornou seu campo de pesquisa. É a história desse lugar, por ser parte da vida de Antonio, o filho de seu Osvaldo que aqui pretendemos contar.

2.1. Um “lugar especial”

Para Antonio, que um dia foi pedreiro, desempregado e sem lugar para estudar, mas que por sorte do destino e por vontade própria tornou-se professor de história, aquele lugar não era um lugar qualquer! Era um “lugar especial”. Um lugar cheio de gente e de histórias com histórias de gente! Lugar que, aos seus olhos de curioso, mudava e muda o tempo todo! Muda porque é vivo, porque tem vida que pulsa e, por isso, é permeado de contradições, conflitos, encontros e desencontros.

Apesar de ser um lugar riquíssimo e com muitos acontecimentos interessantes, Antonio percebia que nem todos que ali viviam, sabiam dessas histórias e que, às vezes, parecia que aquele lugar não tinha ao menos uma história. Para Antonio era absurdo perceber que nem todos se incomodavam com esse fato.

Na verdade, talvez não fosse exatamente isso que as pessoas pensavam. Podemos imaginar que todos saibam que tudo que existe ou venha a existir tem um começo, um desenvolvimento e até mesmo fim. Então, o que incomodava Antonio não era isso. Era, talvez, o pouco apreço da maioria das pessoas pela sua própria história, pela história daquele lugar, que aos olhos de Antonio era visto como um lugar especial.

Como professor de História, Antonio sabia que tal desconhecimento é o caminho mais curto para o desrespeito. Assim, só se pode amar aquilo que conhecemos e só podemos lutar por aquilo que amamos. Para Antonio, como para seu Osvaldo, a vida foi sempre um caso de amor. Disto não tinha dúvida: sem conhecimento de nossa história, seja ela grande, pequena ou miúda, não existe a possibilidade de uma vida consciente, uma vida comunitária, coletiva e solidária.

Foi com esse “aperreio”, como diria seu Osvaldo, que Antonio resolveu um dia, conversando consigo mesmo e com seu velho amigo Salomão, levar adiante um projeto de escrever um livro que registrasse as histórias que as pessoas daquela localidade e daquela escola sabiam e que essas narrativas pudessem ajudar aos moradores daquele lugar a compreender a

importância dessa escola nas suas vidas. Esse lugar, que para Antonio, era um lugar especial, foi onde ele passou metade da sua vida. Por isso, ele sempre pensava: foi aqui que “ganhei meu pão”; que fiz amigos; angariei simpatias e antipatias. Enfim fiz, refiz e continuo fazendo história.

No dia que Antonio descobriu isso – contou-nos o velho Salomão – os olhos de Antonio se encheram de lágrimas, brilharam de alegria, de esperança e de orgulho, feito um menino a desembulhar um presente. E neste instante, pela primeira vez, Antonio compreendeu a importância da história: compreendeu que a história era uma ferramenta pela qual ele, ou qualquer outro, poderia desembulhar o presente e descobrir o que tem dentro.

É isso Salomão! Vou desembulhar esse presente. Vou sair por aí; vou remexer velhos arquivos; vou abrir os álbuns de fotografias; vou provocar minhas lembranças, enfim, vou procurar conversar com todo mundo lá da escola, gente que ainda está lá e gente que já foi embora. É isso, Salomão, que eu vou fazer: contar a história desse lugar. Lugar que é, em última instância, a história de um cara que quase foi pedreiro, mas que um dia, virou professor de História.

Mas isso não é perigoso? – perguntou cauteloso o velho Salomão. Não será isso pouco científico, um falseamento da realidade? Não seria mais prudente, buscar outro caminho?

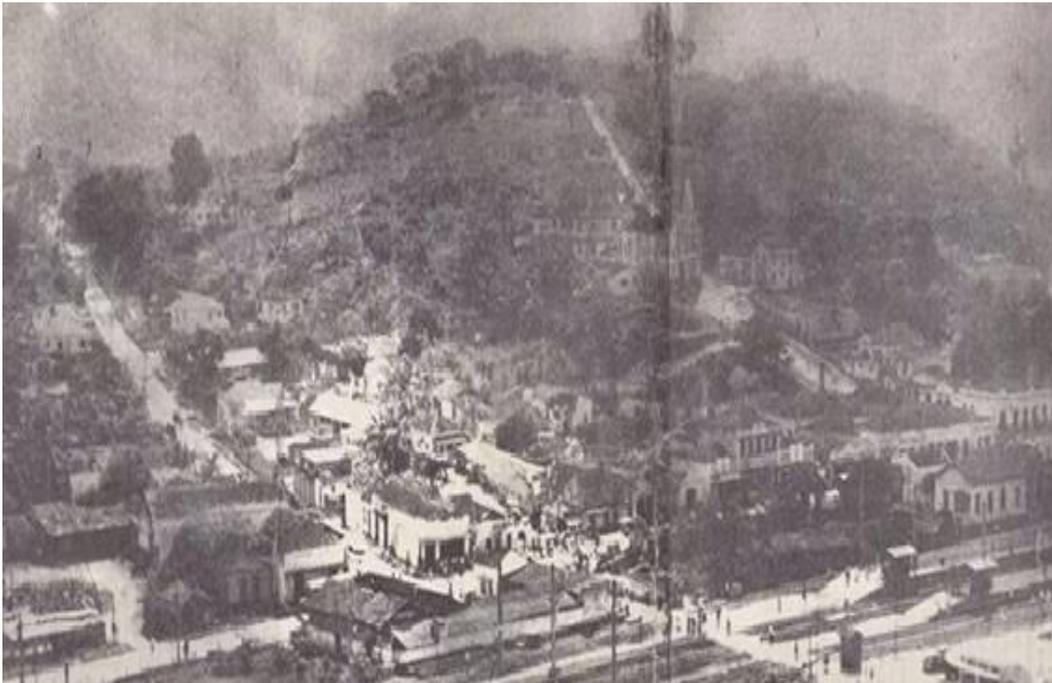
Mas quem garante o melhor caminho? - Retrucou Antonio ao velho amigo. Salô, Salô, Salomão, não há caminho certo ou errado, “o caminho se faz ao caminhar” e, ademais, agora ainda não é a hora de se pensar nisso. Todavia, não precisa ficar com receios nem “mas-mas”, não vou falsear a realidade, nem contar narrativas irreais. Só vou florear um pouquinho para deixá-la mais bonita de ser contada e com cara de conto ou romance.

Que fique claro, desde já, que por ser uma história, ela é importante porque toda e qualquer história é importante. E essa aqui, que começamos a contar, é mais importante ainda, porque é a minha, a sua e a nossa história. Contudo, ser importante não quer dizer que seja a única. Ao contrário uma história pode ter muitas versões.

CAPÍTULO 3. O “LUGAR ESPECIAL”

O lugar que a partir de agora passo a chamar de “lugar especial” é igual a muitos outros lugares que conhecemos bem. Digo lhe que ali é muito parecido com aqui. Lá tem tudo que aqui tem. Tem fábricas, têm estradas, lojas e casas, ruas movimentadas e outras nem tanto.

Esse lugar fica em um bairro parecido com o nosso, mas claro que não é o nosso. Ele, há tempos atrás, era enorme e vazio. Muito parecido com esse lugar da foto abaixo:



Ou, nos dias de hoje, como esse outro lugar:



É um distrito de uma cidade muito parecida com a nossa, e que ninguém sabe o motivo pelo qual alguém decidiu, em 17 de dezembro de 1998, sem perguntar aos moradores, que o tal lugar não seria mais um distrito e sim uma Unidade Regional de Governo (URG). Dentro dessa URG, que é a nona da cidade (IX), é que se localiza um sub-bairro local “não autossuficiente¹⁹” (BL₂) da URG IX.²⁰ Nesse bairro é que se encontra o meu “lugar especial”. O tal bairro “não autossuficiente” é ou foi um pequeno interessante povoado na periferia de uma grande cidade e está localizado entre dois outros grandes bairros.

Mesmo sendo “não autossuficiente” o bairro é de fácil acesso. Para se chegar ali, o melhor acesso é a saída 185 de uma Rodovia igual ou parecida com essa que temos aqui perto. Além do fácil acesso, o tal bairro “não autossuficiente” tem três indústrias que servem de referência para ele e a vizinhança. São indústrias que empregam boa parte dos moradores da região.

Ao descrever as indústrias que estão nas redondezas do “lugar especial”, enumerei-as usando ordinais, mas isso não quer dizer que ser a primeira, por exemplo, seja melhor que as seguintes.

Então, a primeira indústria marcou tanto o lugar que até hoje serve como ponto de localização, mesmo já tendo encerrado suas atividades há mais de duas décadas. Era uma fábrica de cigarros²¹. Hoje, no lugar dos cigarros tem ou tinha uma fábrica linha e tecidos que também emprega ou empregava bastantes moradores do bairro.

Outra referência do lugar é uma “fábrica” que está desativada. Já fabricou um dia, lá no passado. Na verdade, é hoje um depósito de um refrigerante muito famoso pelas redondezas²². Ela já foi tão importante que a tubulação que levava água para a antiga fábrica é enorme, existe ainda hoje e resiste ao tempo. Como pelas “quebradas” a população sofre muito com falta d’água, essa tubulação é a salvação do povo. Porém, não ser fábrica, não tira a sua importância, pois é hoje um estabelecimento que gera empregos para muita gente do nosso lugar.

Pelas redondezas, do “lugar especial”, tem uma terceira indústria. Não sei se ser a terceira tem algo de exotérico ou sobrenatural, mas a dita indústria é mais que uma referência para o lugar. O seu fundador gosta de chamar sua criação de “complexo empresarial” e a sua

¹⁹Esse nome ou classificação, segundo os entendidos, é dado àqueles bairros que não possuem uma rede de comércio suficiente para abastecer seus moradores e ou também não possuem nenhum ou poucos estabelecimentos industriais.

²⁰A partir da lei n.º 2.952, de 17 de dezembro de 1998, o antigo distrito de Austin passou a ser a nona . Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Lei_Municipal_de_Nova_IguaC3A7u_2952_de_1998 . Acessado em: 22 jan. 2016 às 07h 52m.

²¹ Philip Morris Marketing S.A., Filial 84.

²² O nome verdadeiro da fábrica da Coca-Cola é Refrigerantes Nova Iguaçu S.A.

principal atividade são os artefatos de concreto que são conhecidos por todo o estado e fora dele também.

Entretanto nas cercanias do “lugar especial” chamam este “complexo empresarial” de fábrica de manilhas, porque foi assim o seu começo. E o dono da fábrica tem seu nome ligado ao que ele fazia. Ele é conhecido como “Seu Nivaldo das manilhas”. Ele é um camarada “boa praça” e contador de causos dos bons, gosta de uma boa prosa, como aqueles camaradas que depois da lida na roça se reúnem ao redor da fogueira para aquecer o frio e contar os causos do dia. Ele se apresenta quase sempre como “Nivaldo das Manilhas, seu criado”. Um senhor que aparenta ter uns 50 ou 60 anos, porte atlético, mas sem muitos músculos. É com um daqueles tipos que algum tempo atrás toda garotada das redondezas do “lugar especial” se parecia. Eram sempre magros, não de fome, mas de correr o dia inteiro atrás de pipas ou no campinho atrás da bola.

Quando “Seu Nivaldo das Manilhas” declara sua idade todos tem vontade de voltar no tempo para ter corrido mais atrás das pipas e da bola. Seu Nivaldo tem 74 anos, mas tem o porte físico de um homem de 50, no máximo 60. Percebemos o quanto ele gostava de correr nos campos da redondeza do “lugar especial” pelo seu envolvimento atual com o futebol profissional. Em uma área junto ao “complexo empresarial” ele mantém um “complexo esportivo” com centro de treinamento, dito por muitos profissionais da área como de alto nível, e um clube de futebol que disputa o campeonato do estado nas categorias de base²³.

²³ O ARTSUL F.C., fundado em 19 de junho de 2001 por seu presidente Nivaldo Pereira, empresário conceituado da Indústria da Construção Civil. De origem humilde, enxergou no futebol (sua principal paixão), através de um trabalho sério e transparente, uma maneira de ajudar crianças e jovens com talento a se desenvolverem.

3.1. O Nascimento do “lugar especial”

Tudo tem um começo, não é mesmo? Então, o nosso “lugar especial” também teve seu nascimento e serão estes os fatos que irei narrar a partir de agora. Vocês podem ter ouvido essas histórias de outro jeito. Mas, como já avisei, esta não é a única história do “nosso Lugar”. Outros podem ter vivido, visto, ouvido e sentido de modo diferente e, portanto, contarão de outra forma. E pode ser que excetuando os que administram “lugar especial”, muitos desconhecamos relatos deste nascimento. Assim, vamos recordar como esse local foi criado ou parido pela comunidade e instituído ou constituído pelas vias legais, sociais e culturais. Isso aconteceu lá pelo início da década de 70, mais precisamente em 1972. Foi o momento da criação oficial do “lugar especial”. Esse fato se deu através do decreto nº 15915/72, publicado em D.O em 27/11/72 e, posteriormente, sob o decreto nº 9048/86, publicado em D.O dia 07/07/86.

Nesse tempo, o país era totalmente diferente. Os presidentes eram Militares e não havia eleição presidencial. O mesmo ocorria nos estados, na maioria dos municípios e nos lugares especiais também. Esse foi o período da Ditadura Militar. Embora hoje não vivamos uma Ditadura, os lugares especiais continuam sem eleições diretas.

A criação do “lugar especial” foi um ato administrativo do Poder Executivo Estadual, isto é, do governador indicado pelos militares. Entretanto, foi a comunidade do entorno que sentiu a necessidade de um lugar deste tipo na localidade e se mobilizou para criá-lo. Segundo alguns “informantes” (na época havia muitos, para todos os gostos), a vida do nosso “lugar especial” sempre foi marcada pela presença de pessoas que, com o seu trabalho, ajudaram a fazer esse lugar muito especial.

Podemos fazer uma rápida lista das pessoas que contribuíram para a criação ea manutenção deste lugar especial. São pessoas comuns que construíram essa história e, portanto, precisam ser destacadas. Gente comum, como : o Sr. Geraldo Teles, já falecido; o “Seu Nivaldo das Manilhas”, que conhecemos anteriormente, sua ex-esposa, a Dona Janete, a ajudadora mais atuante, pois, ouvindo “Seu Nivaldo das Manilhas”, ele fala que, naquela época, estava mais envolvido com a fabricação e a entrega das manilhas do que com a loja de material de construção, mas sobre isso, ele diz que falaremos adiante.

Nos tempos da Ditadura, quando o “Lugar Especial” foi criado, os governadores e prefeitos ou interventores eram indicados pelos militares. Esses por sua vez, indicavam os gestores dos lugares especiais. Assim, quando o nosso lugar foi inaugurado oficialmente, a Senhora Jane, foi indicada por um interventor e tornou-se a primeira a cuidar oficialmente do “lugar especial”. Ela era muito conhecida pelo ex-interventor municipal, Joaquim de Freitas,

por ter realizado um bom trabalho em outro lugar, na região, também por nomeação. Por conta disso, o nosso lugar recebeu sua primeira gestora.

O interventor²⁴ que nomeou a Senhora Jane foi o 21º governante do município onde está localizado o “lugar especial” e era integrante do extinto ARENA. Governou de 17 de outubro de 1966 até 30 de janeiro de 1967 como interventor municipal, e alguns meses depois da criação do “lugar especial” ele voltou ao governo da cidade como prefeito nomeado pelo mesmo partido entre 31 de janeiro de 1973 e 20 de outubro de 1975.

Ao ser nomeada para gerir aquele ambiente, dona Jane foi informada de que aquele era um espaço novo e que não havia nenhuma pessoa ali, apenas o prédio montado e esperando todos e todas que iriam trabalhar e ficar alguns anos no local, buscando construir o seu presente da melhor maneira possível.

Ao chegar ao lugar para começar a receber todos e todas, dona Jane foi muito bem acolhida por algumas pessoas da comunidade que lhe auxiliaram em todo o processo. Dentre esses personagens estava o Sr. Geraldo Teles, “um nordestino arretado”, dono de um armazém nas proximidades que levou um belo café com tudo que tem direito, para receber dona Jane. Segundo relato dela, o café serviu para nutrir as forças diante de um dia inteiro de trabalho. O Sr. Geraldo tinha vindo, também, matricular a filha Elizabeth.²⁵

Por esse tempo (1972), ainda na vigência do “Milagre Econômico” e das perseguições e desaparecimentos misteriosos de opositores do governo, os lugares especiais como o nosso, não eram uma preocupação do Poder Público, como é hoje. Não havia verba direcionada para esses lugares. Por isso, foi preciso que os moradores da localidade usassem de todos os seus poderes de compartilhamento e desprendimento para a manutenção do lugar especial. A participação do povo do “acanhado povoado, mas muito maneiro”, se deu na construção de uma cantina. Essa cantina era a maneira do lugar especial arrecadar dinheiro para suprir suas necessidades diárias. Com o passar do tempo, alguns governos mais voltados para esses lugares passaram a destinar recursos e a cantina não foi mais necessária. Então, no lugar dela, hoje se encontra a biblioteca. Antes quando não havia livros para pôr em uma biblioteca o espaço serviu como habitação de uma funcionária que fazia o papel de caseiro. Nos dias de hoje, não existe mais a figura do caseiro no local, já que a vigilância do lugar é feita por policiais militares.

²⁴ Delegado do presidente da República para assumir provisoriamente o governo de um Estado membro em regime de exceção. Muito comum na Ditadura Militar entre 1964 a 1985. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/interventor/>. Acessado em 21 ago. 2015 às 10h 48.

²⁵ Nossa atual diretora adjunta.

Desse modo, segundo “informantes”, a comunidade exerceu grande influência na construção do colégio, pois lutou junto ao prefeito ou interventor do município Bolivard Gomes de Assumpção²⁶ que na ocasião cedeu o terreno para a construção do “lugar especial”.

Algumas perguntas podem estar ainda sem resposta: Como foi essa luta? Como foi possível durante os “anos de chumbo²⁷” uma comunidade se mobilizar e ir à luta por um objetivo desse tipo, sem que isso não fosse motivo para os “milicos” coíberem a comunidade? Podem surgir essas e outras questões. Mas isso, infelizmente, não ficou registrado em nenhum lugar. Daqueles que atuaram na frente da “mobilização”, uns já se foram, outros dizem não se lembrarem, e há ainda os que nos informam que não foi bem assim que as coisas aconteceram. Essas visões ou interpretações do mesmo fato me fizeram lembrar um filme chamado “Narradores de Javé”²⁸. Nesse filme, o personagem principal é encarregado de contar a história da localidade. Assim, ele se vê em uma trama complicada, pois quando ele vai ouvir os moradores, cada um contava a história da localidade de uma maneira diferente. A variação das histórias dependia de quem contava e da ligação como o lugar ou com os heróis fundadores. Mesmo assim, acreditamos que isso não invalide a história da mobilização e da luta pela manutenção do “lugar especial”., onde pessoas como Sr. Geraldo Teles, um dos apoiadores para a criação da cantina da escola e Seu Nivaldo das “manilhas” que, sendo proprietário de uma loja de material de construção, ajudou com o material para construir a cantina. Mas seu Nivaldo afirma que foi a sua ex-esposa, Dona Janete, quem ajudou.

Como “dona Janete” ajudou? Seria essa a pergunta certa? Bom, segundo a Senhora Jane e o próprio Nivaldo essa ajuda foi na manutenção. Conta a Senhora Jane que o “lugar especial” tinha uma caderneta na loja de dona Janete e do “seu” Nivaldo. Quando quebrava alguma coisa, tinha que trocar uma fechadura, uma telha ou uma panela era só ir até a loja e solicitar. No final do mês, a Senhora Jane ia acertar as contas e era nesse momento que surgia a solidariedade e o desprendimento dos moradores. Se a conta fosse X, dona Janete só cobrava ¼ de X. Assim o “lugar especial” foi mantido por muito tempo.

²⁶ 28º governante de Nova Iguaçu, político filiado à antiga ARENA, governou entre 31 de janeiro de 1971 a 30 de janeiro de 1973 como prefeito nomeado.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Nova_Igua%C3%A7u. Acessado em 28 jan. 2015 às 19h 55.

²⁷ “Anos de Chumbo” é o modo como é chamado o período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, que se estende, basicamente, do fim de 1968, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974.

²⁸ “Narradores de Javé” é um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé. Este filme retrata a tentativa de escrever a história de Javé, que está carregada de elementos discutidos pelos historiadores, como: subjetividade, memória, história oral, história científica, relação entre sujeito e objeto, história como legitimação de poder, etc.

3.2. O nome do “lugar especial”

Para falarmos sobre a terceira história, será preciso desfazermos o mistério que tentamos criar até o momento sobre que “lugar especial” é esse. Pois, agora, vamos contar-lhes como o nosso “lugar” recebeu um nome e porquê.

O “lugar especial”, ao ser inaugurado recebeu o nome de um santo. Mas, segundo a Constituição Brasileira, o “lugar especial” é laico, isto é, não tem religião oficial. Como pôde, então, ter esse nome? E depois, quase todos os outros lugares iguais a esse, inaugurados naqueles dias levavam o nome de algum “figurão” militar, “herói” da “República”. Mas o nosso leva um nome de santo. Por quê?

O Santo que emprestou seu nome para um lugar que por lei é laico foi São Judas Tadeu²⁹. E o peculiar nesse Santo é ele ser o patrono das causas desesperadas e das causas perdidas. No Brasil, São Judas Tadeu deveria ter uns 200 milhões de devotos, mas pelo que eu fiquei sabendo, além do Clube de Regatas Flamengo e os flamenguistas, a professora Natividade Patrício Antunes tinha esse santo como patrono ou padroeiro.

O nome foi escolhido porque na época da criação e da homologação do “lugar especial”, dona Natividade Patrício Antunes tinha a função que denominamos hoje Coordenadora de Metro (Coordenadoria Metropolitana de Educação I), e ela tinha São Judas Tadeu como seu padroeiro. Hoje, os coordenadores são selecionados por Concurso, mas naquela época, eles eram escolhidos de outra forma, ou seja, sua escolha e nomeação dependiam das forças políticas da região, como todos os outros cargos de gestão, direção e comando. Então, poderíamos pensar que alguém quis homenagear a professora dando o nome de seu santo padroeiro à escola, mas, não foi essa a história. Dona Natividade, segundo relatos, tinha tanto poder na área de educação, na Baixada Fluminense que mais parecia “secretária de Deus”. Assim, o nome da escola foi uma atitude exclusiva da sua

Nos dias atuais, poucos sabem algo sobre a professora Natividade Patrício Antunes. Mas há uma escola localizada às margens da “Dutra”³⁰ no sentido Rio de Janeiro que leva seu nome. Cabe aqui uma breve descrição da história dessa professora que nomeou o que chamamos de “lugar especial”. O que conseguimos descobrir é que dona Natividade nasceu em Itacurussa (isso mesmo, Itacuruçá e Nova Iguaçu se escrevia com dois “s”), Vila de Mangaratiba, em 1920.

²⁹ São Judas Tadeus não foi o Iscariotes, pois esse não virou santo. Diz-se que ele foi um dos doze apóstolos de Jesus, como o outro. É também conhecido por outros nomes, como Judas Lebeus e Judas, irmão de Tiago. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Judas_Tadeu. Acessado em 21 nov. 2014 às 21h 39.

³⁰ Rodovia Presidente Dutra – BR116.

Trabalhou por várias décadas na educação em Nova Iguaçu e cercanias. Enquanto esteve na ativa no serviço público sempre se manteve dedicada à causa da educação e ao lado dos principais mandatários da região e do estado.

Ela se afastou definitivamente de suas atividades em decorrência de um acidente doméstico, não se sabe precisar a data e o acidente. Faleceu no início da década de 90, mais precisamente em 18 de novembro de 1990, aos 70 anos.



Na foto acima que se encontra no site da referida escola, vemos o marido de D. Natividade descerrando a foto da inauguração do Grupo Escolar Profa. Natividade Patrício Antunes, em 07 de março de 1966.³¹ Pode parecer que há uma imprecisão nas datas, mas o ano de 1966” é a data oficial que aparece no sítio eletrônico do grupo escolar. Podem surgir contestações dizendo que não é costume “batizar” uma instituição como essa, com nome de pessoas vivas, ou que 1966 é uma data anterior à gestão de Dona Natividade. Mas isso é o que está dito oficialmente.

³¹ Leia mais em: <http://cenpa.webnode.com.br/nossaescolanossahistoria/>.

3.3. O cronotopos

Na primeira parte do nosso texto citamos Leonardo Boff com a seguinte afirmação: “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”³². Guardamos essa frase para explicá-la nesse instante, quando começaremos a falar do lugar onde meus pés pisam e de onde pretendo fazer uma reflexão. Essa frase servirá como justificativa para o que estou pensando.

Agora, veremos como está organizado o palco dos acontecimentos que estamos narrando. Esperamos, com isso, demonstrar que os lugares não são apenas espaços vazios. Antes, estão impregnados de temporalidades e, em cada um deles havemos de encontrar os dramas humanos. Nossa intenção em realizarmos esse percurso topográfico, mais do que apresentar o lugar, é a de evocar as memórias e as histórias que ali se sucederam.



33

Foto do Laboratório de Informática.

O “lugar especial” foi construído com um bloco principal (b) e um segundo bloco formando um “L”. No edifício principal existem oito salas³⁴ com um corredor de mais ou menos dois metros e meio separando as salas. Existem também as dependências que hoje chamamos de área de gestão que são a secretaria e a sala da Direção. A sala daqueles que trabalham ali, que não têm o mesmo tamanho das outras salas. Os banheiros, a cozinha e o refeitório também estão nesse bloco principal.

A biblioteca do “lugar especial” ficava dentro do prédio principal. Porém, com a informatização, bem como a aquisição de computadores e a obrigação e necessidade de se

³² BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998, p.9.

³³ Todas as fotos que aparecem nesta seção foram feitas pelo autor deste texto.

³⁴ Tamanho das salas: 8 x 5 = 40m².

montar um Laboratório de Informática aplicada à educação, algumas mudanças ocorreram na arquitetura interior do prédio. Entretanto, esse laboratório não tem uma completa utilização. Nesse texto não haveria espaço para aprofundarmos esse assunto.



Foto da Biblioteca do “lugar especial”.

Um fato interessante de observarmos é a distribuição e a utilização das dependências da escola. Como já dissemos anteriormente, no prédio principal estão todas as oito salas. As salas da Direção, a sala da coordenação e a secretaria se localizam estrategicamente no início do corredor tendo uma visão privilegiada de todas as portas das salas.

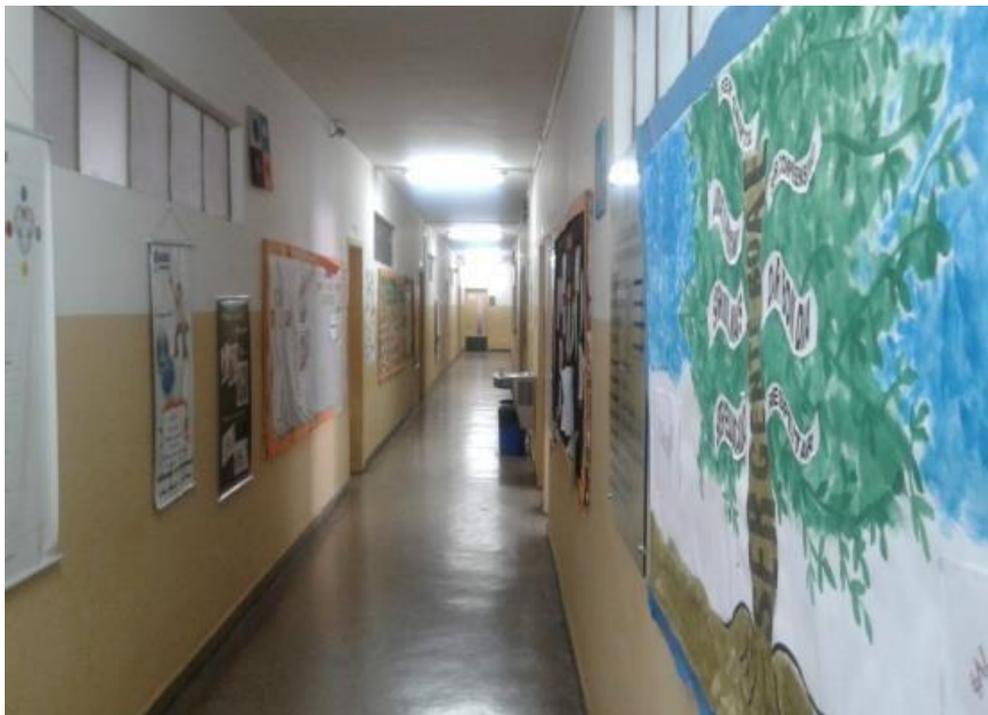


Foto do corredor principal da Escola.

Assim, é possível controlar toda a movimentação fora das salas. Ou seja, qualquer um, ao sair da sala, é imediatamente visto por quem estiver na área da coordenação, na porta da Direção ou acompanhando as câmeras de segurança espalhadas pelas dependências da escola. Essa ideia de controle com a disposição das é tão presente que emergiram nos desenhos dos alunos mais novos quando lhes foi pedido que desenhassem sua escola.



Foto do desenho dos alunos do corredor principal da Escola.

Do lado de fora dos prédios, mas dentro dos muros da escola, estão as áreas de lazer, de descanso e brincadeiras. Entre o muro da frente e a fachada do prédio principal existe uma espécie de corredor com aproximadamente três ou quatro metros de largura e mais ou menos 40 metros de comprimento onde os alunos não podem circular, pois é isolado através de grades.



Foto da área entre o muro e o prédio principal

Após o prédio principal e o “auditório”, do qual falaremos adiante, surge a quadra, que há alguns anos atrás, foi cercada, pelos lados e por cima. Isto foi feito para que as bolas não caíssem fora da escola quando os estudantes estivessem realizando alguma atividade. A quadra é mais uma sala. No entanto, é aquela que quase todos e todas mais gostam, pois ela é muito utilizada.

Entre a quadra e o muro dos fundos tem um pequeno espaço em auge, quer dizer uma elevação, um barranco, melhor dizendo. Nesse local, os meninos de 10 e 11 anos adoram brincar, rolar e escorregar. A última vez que eles fizeram isso, alguns deles não tinham a condições de irem a algum lugar sem antes tomar banho, pois eles e seus uniformes estavam completamente sujos de barro vermelho.



Fotos da quadra de esportes.

Entre a quadra e o muro lateral encontramos um espaço no qual foram colocadas algumas mesas e bancos. É ali que os meninos e as meninas do ensino médio gostam de ficar quando estão em aula vaga ou fugindo da sala de aula.



Foto da área com as mesinhas.

Voltando para o bloco principal, temos a cozinha e o refeitório.



Ainda no espaço externo, há a garagem e o estacionamento da escola, que também é, ou foi usado como área pedagógica. O “lugar especial” tem ou tinha uma banda de fanfarra e a banda ensaiava no estacionamento, pois não havia outro lugar. Se o ensaio ocorresse na quadra, as cinco salas que têm as janelas voltadas para esse espaço, não teriam como realizar as atividades. O estacionamento também já foi o local de instrução das aulas de capoeira.



Fotos da garagem e do estacionamento.

Essa é a descrição do espaço físico do “lugar especial” e, em outro momento, falaremos de sua distribuição espacial.

3.4. O Auditório que não é

Ainda preciso contar a história do que é hoje o “auditório”. O “lugar especial” tinha um salão que foi construído com a finalidade de desenvolver cursos para a comunidade. Entre esses cursos estava o de Arte Industrial e, por isso, havia uma máquina de costura no local. Este curso tinha a orientação da professora Hercília de Egypto Vasco; já o curso de Artesanato em madeira e cerâmica era orientado pela professora Maria das Graças Rezende Andrade e as aulas de Educação para o Lar eram ministradas pela professora Maria Antônia Gallette Braga. Segundo alguns contemporâneos, essas atividades diversificadas no salão foram muito importantes para a comunidade.









Fotos internas e externas do auditório.

Além das atividades citadas, havia, também, um coral que ensaiava no salão, devido à dedicação da professora de música Maria Aparecida, responsável por desenvolver várias atividades para as festas realizadas na escola. Isso tudo nos remete a um passado glorioso.

Esse espaço, que teve uma grande importância devido ao seu uso, hoje é chamado de “auditório”, mas não funciona como tal. Pode parecer que essa transformação seja menos importante, entretanto, ao ser transformado em auditório, além de não ser utilizado para este fim, o “salão das artes” também perdeu a função de ensinar artes. Devido ao crescimento populacional nessa região, o “lugar especial” não podia simplesmente ter um grande espaço “sem uso”, com uso “duvidoso” (ensino de Arte Industrial, Artesanato, Educação para o Lar e artes cênicas) ou ocioso, isso porque as professoras desses cursos foram se aposentando ou saíram para outros “lugares especiais”. Dentre as docentes, apenas a animadora cultural Eva Morena continua realizando um trabalho com o teatro. Entretanto, Eva só pode usar o “salão das artes” em momentos que não tenha aula.

A dúvida que pode surgir é a seguinte: Mas não é um salão? Como assim, quando não tem aula? O que acontece é que o “salão das artes” ou o “auditório” acabou por receber uma divisória móvel de madeira – que já não é tão móvel – com a finalidade de que a sala pudesse ser aberta e formasse o “auditório” quando houvesse apresentações. Assim, o que era o “salão das artes”, transformou-se em mais duas salas de aula. Próximo da antiga cantina, construída e mantida pela comunidade, segundo alguns relatos. Existe outra dependência. Uma espécie de anexo. Acredito que ali deveria funcionar uma espécie de depósito do “auditório” ou, na mais

audaciosa visão, poderia ser o camarim onde os “atores” se preparavam para as suas performances. O cômodo também se transformou em sala de aula.

Desse modo, podemos ter um panorama do “lugar especial”. Local no qual se desenrolou, ainda acontece e deverão acontecer diversas histórias nesse cotidiano rico em questões sócio-culturais e didático-pedagógicas.

Seguindo esse caminho, quero agora contar os acontecimentos e fatos ocorridos no chão desse “lugar especial” que, como um colecionador, capturei, recolhi e cataloguei, resultando no que eu acredito ser a minha forma de ver e entender este espaço especial para mim.

35 **CAPÍTULO 4. SOBRE AS COISAS QUE EU NÃO VIA NO “LUGAR ESPECIAL”**



Continuando a desfiar ou fiar minha narrativa sobre este “lugar especial”, trago para o texto uma ideia trabalhada por Maturana e Varela, presente no livro *A árvore do conhecimento* (2005) que já se encontra na 5ª edição. Maturana e Varela refletem sobre o “Conhecer o conhecer”, inclusive título de um dos capítulos do livro. Ao longo do texto, os autores demonstram que nossa visão está condicionada pela nossa estrutura, por tudo que nos constitui. Então, eles afirmam que através de seus experimentos é que “não vemos o que não vemos”. O que nós captamos ou vemos é marcado indelevelmente por nossa estrutura. As nossas experiências, desta forma, estão ligadas ao que somos. Assim, somente quando começamos a refletir sobre o que e como conhecemos é que passamos a ver outros fenômenos que não tínhamos percebido.

Leciono nessa escola desde 1999. Logo, já tenho quase duas décadas circulando nesse espaço. Pode parecer estranho, mas devido ao tempo, alguns eventos e/ou elementos constitutivos do ambiente escolar acabam por se tornar invisíveis e naturalizados para alguns, dependendo do lugar que esses sujeitos ocupam dentro dele.



³⁵ As fotos desse capítulo foram realizadas pelo autor do texto

Durante meu trabalho de pesquisa, com o objetivo de construir minha dissertação que tem como sujeitos a escola e as pessoas que a constituem e que nomeio de “lugar especial”, me deparei com um fenômeno que estava nítido, mas que eu não o tinha visto ou ao menos observado a sua existência. No entanto, isso só começa a me incomodar quando eu olho para esse espaço com um olhar mais acurado, um olhar de investigador, de detetive. É nesse momento que, observando como pesquisador, saindo do meu lugar de professor, passo a notar que os alunos não chegavam antes de o sinal da escola tocar, às sete horas da manhã (horário de entrada e início das aulas). Esse é o horário que todos os gestores, professores e professoras esperam que os alunos e as alunas estejam em sala para começarem as atividades pedagógicas.

As fotos que se veem na página anterior foram capturadas em cinco dias diferentes, entre os dias 11 e 29 de agosto de 2014. Todas na parte da manhã, entre as seis horas e quarenta e cinco minutos e as sete horas e dez minutos. Pode-se observar que a frente do nosso “lugar especial” está vazia como se não houvesse aulas nesse dia.

Certa vez, ao inquirir uma colega sobre o motivo desse estranho fenômeno, ela fez uma comparação com os estudantes, afirmando que os alunos eram como “baratas, pois apareciam após o toque do sinal, como aqueles insetos que saem dos ralos ao apagar a luz da cozinha”. Assim, com o objetivo de entender o porquê de os alunos não chegarem à escola antes do horário, fui até eles perguntar o motivo do atraso. Queria saber se isso era inconsciente ou proposital, afinal o que os levaria a tal comportamento?

Em contrapartida, também quis saber dos professores e professoras como eles interpretavam atitude dos discentes. Quando eu ouvi os meus colegas, não fiz registros escritos. Apenas perguntei a alguns se eles tinham ideias sobre os atrasos. Uns afirmaram que esses meninos e meninas não demonstravam interesse pela escola e que a família também não “estava nem aí” para a vida acadêmica dos seus filhos. Uns poucos apontaram para o fato de os estudantes morarem longe. Outros, não tinham ideia do porque isso acontecia.

Em seguida, fui para a sala de aula, mostrar as fotos aos alunos e perguntar: Por que vocês chegam atrasados? Em seguida, solicitei aos estudantes que escrevessem o motivo do atraso, mas que não se identificassem, para ficarem livres do receio de serem eventualmente punidos por causa de suas respostas. As respostas que chegaram até mim foram desconcertantes, mas esperadas. Vejamos:

Aluno 1

Por que chegar atrasado na escola?
 Na minha opinião os alunos estão cada vez mais perdendo o interesse de estudar, eles não se importam pelo horário e muito menos na obrigação que eles tem de chegar na hora exata. Vejo o erro pelo os dois lados, o aluno por falta de responsabilidade e a própria escola por não tomar providência ao erro.

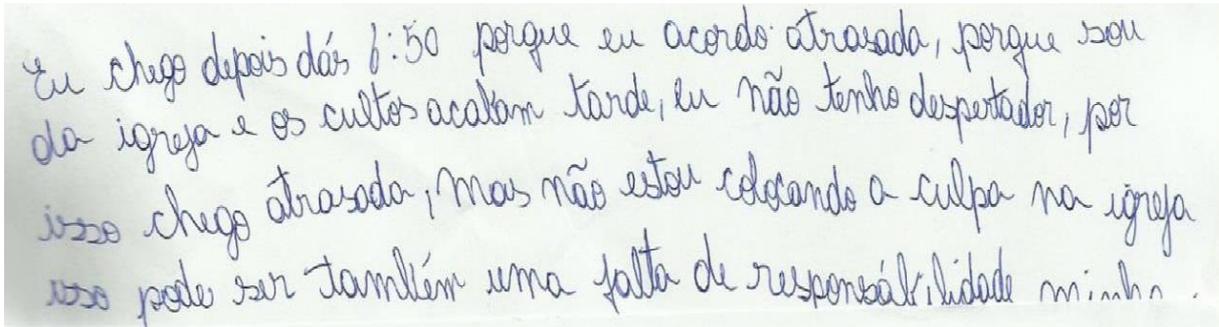
Aluno 2

Eu em particular antes chegava bem cedo por volta de 6:30 saia de casa depois preletti que eu não tinha necessidade de chegar aqui tão cedo então, agora eu saio de casa uns 15 minutos antes, acredito que com alguns alunos também seja assim.

Aluno 3

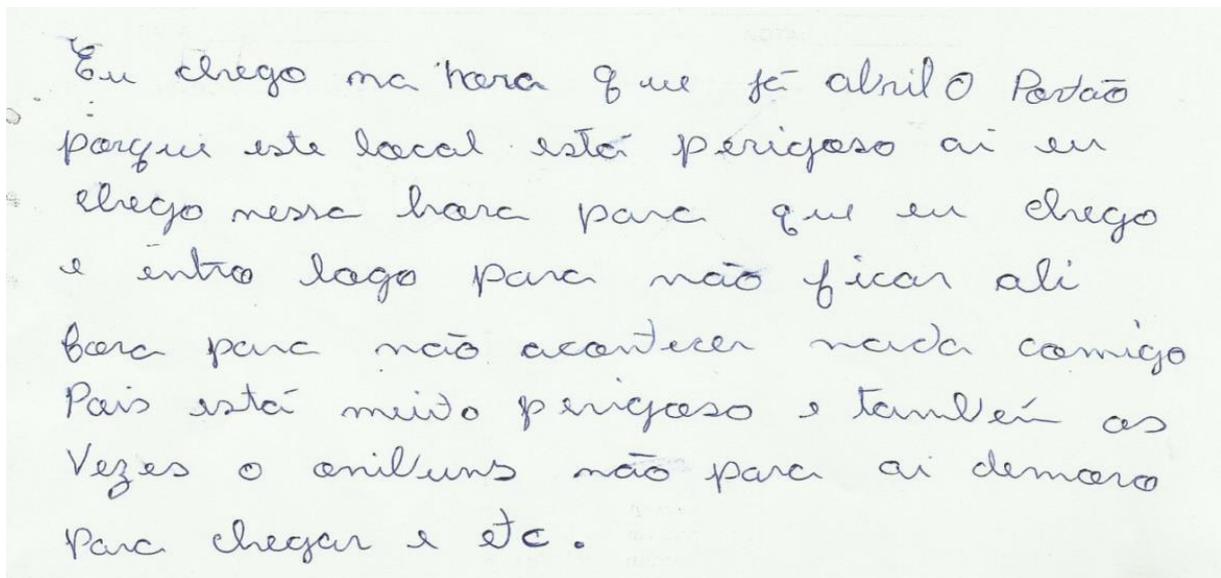
Porque quando aperto o sinal ai que os professores vão para as salas e também quando é dado o sinal os alunos precisam ir antes do sinal não é preciso.

Aluno 4



Eu chego depois das 6:50 porque eu acordo atrasada, porque sou da igreja e os cultos acabam tarde, eu não tenho despertador, por isso chego atrasada, mas não estou colocando a culpa na igreja isso pode ser também uma falta de responsabilidade minha.

Aluno 5



Eu chego na hora que fe abriu o Portão porque este local está perigoso ai eu chego nessa hora pare que eu chego e entro logo para não ficar ali fora para não acontecer nada comigo Pais está muito perigoso e também as vezes o trânsito não para ai demoro para chegar e etc.

Percebe-se que os alunos, em sua maioria, responsabilizam a própria escola e os professores pelo atraso. Alguns apontam para a questão da impunidade, como o aluno 1, que avaliar o problema, coloca os alunos como motivo, por não terem responsabilidades. Desse modo, fica implícita a falta de participação da família, corroborando com o argumento de alguns professores. Mas, também é responsabilidade da escola, na medida em que não tem mecanismos para coibir os atrasos.

Já para o aluno 3, a responsabilidade dos atrasos é do professor que só vai para a sala de aula após o toque do sinal. No ponto de vista do estudante, não há motivos para chegar cedo se não tem professor na sala de aula.

O aluno 2 também se aproxima dos argumentos dos alunos 1 e 3, pois ele afirma que não vê “tanta necessidade de chegar cedo”. Essa fala demonstra como se esse aluno estivesse informando o mesmo que o aluno 3, mas sem denominar o responsável pela falta. Talvez essa polidez seja um certo receio.

Observamos nos textos, que até a religião aparece na justificativa do atraso, como é o caso do aluno 4 que afirma que chega atrasado porque fica no “culto” da igreja até muito tarde, mas depois, diz que a “culpa” é sua e não da igreja.

Entre alguns dos motivos, a questão da violência aparece como responsável pelos atrasos como cita o aluno 5.

Também existem várias outras justificativas como: “os ônibus não param para os alunos”; “Moro longe”; “tenho que arrumar minha irmã”; “tenho que levar minha irmã no colégio dela e ou para minha vó, pois minha mãe sai cedo para o trabalho.”.

Entretanto, o que mais causou estranhamento foi um grupo de alunos afirmar que o problema do atraso é causado pela própria escola com a falta de punição ou controle sobre o evento e também pelos professores, que só vão para a sala depois do sinal.

Assim, voltei aos professores para dar-lhes um retorno sobre quais eram, para os alunos, as causas dos atrasos constantes no primeiro horário. Ao conversar sobre esse assunto com meus pares fiz quase a mesma pergunta feita aos alunos. Professor por que você só vai para a sala até dez minutos após o sinal? A resposta que ouvi também foi bastante parecida com a dos alunos: “Pra que ir antes das sete se a maioria dos alunos não vai pra sala na hora certa?”

Dessa maneira, vai rodando a roda do destino e ninguém assume que educar e educar-se são atos do qual todos são responsáveis.

4.1. A Escola + As Grades = Prisão?

Permanecendo no campo do que eu não via enquanto professor e passo a perceber quando me torno ou me transformo em outro, em pesquisador, quero relatar um assombro. O EU pesquisador, com suas certezas do EU professor, que me impedia de ver a rica realidade à minha volta, vai até aos alunos e alunas com uma questão que pretendia avaliar a produção de conhecimento daquele lugar. Para isso, o primeiro passo dado ao tentar essa avaliação foi escolher um grupo de estudantes do 1º ano do Ensino Médio que o EU professor acreditava ser os melhores e os mais voltados para a questão da produção do conhecimento. Assim, esses alunos foram incumbidos de fazerem algumas fotos ou um vídeo que representasse o que eles viam de pontos positivos e/ou negativos na escola. Acreditava, enquanto professor, que eles trariam queixas, denúncias ou até constatações sobre a falta (ou não) de qualidade na produção de conhecimento.

Depois disso, o grupo de alunos e alunas apresentaram nove fotografias que mostraram, segundo a avaliação do pesquisador impregnado pelas certezas do professor, apenas os

problemas materiais da escola. Porém, não era isso que o pesquisador/professor queria ouvir. O EU pesquisador contaminado não quis ver que isso era fundamental para aqueles estudantes e desconsiderou as imagens.

Em seguida, querendo ouvir outras “verdades”, pois as que eles e elas trouxeram não satisfizeram o pesquisador/professor. Decidi, do alto da autoridade que ser pesquisador me confere, modificar minha estratégia. Iniciei o trabalho com desenhos, pois entendi que assim não haveria como os alunos e alunas fugirem da resposta que eu queria, isto é, a avaliação do trabalho pedagógico dessa escola. Assim, voltei às salas de aula e solicitei que eles fizessem desenhos que representassem a escola e, no verso do papel, escrevessem uma palavra ou uma frase que explicasse os desenhos.

Fiquei assustado quando verifiquei e analisei o resultado. Vejamos esses desenhos:



DESORGANIZAÇÃO

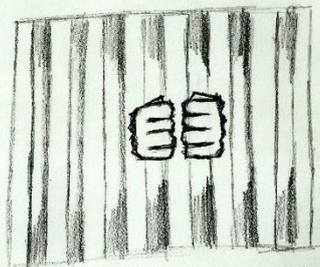
Explicação do desenho ↓

As vezes da a hora de eu ir embora, no caso cedo e eles me confundem com outra pessoa e me prende até tarde.

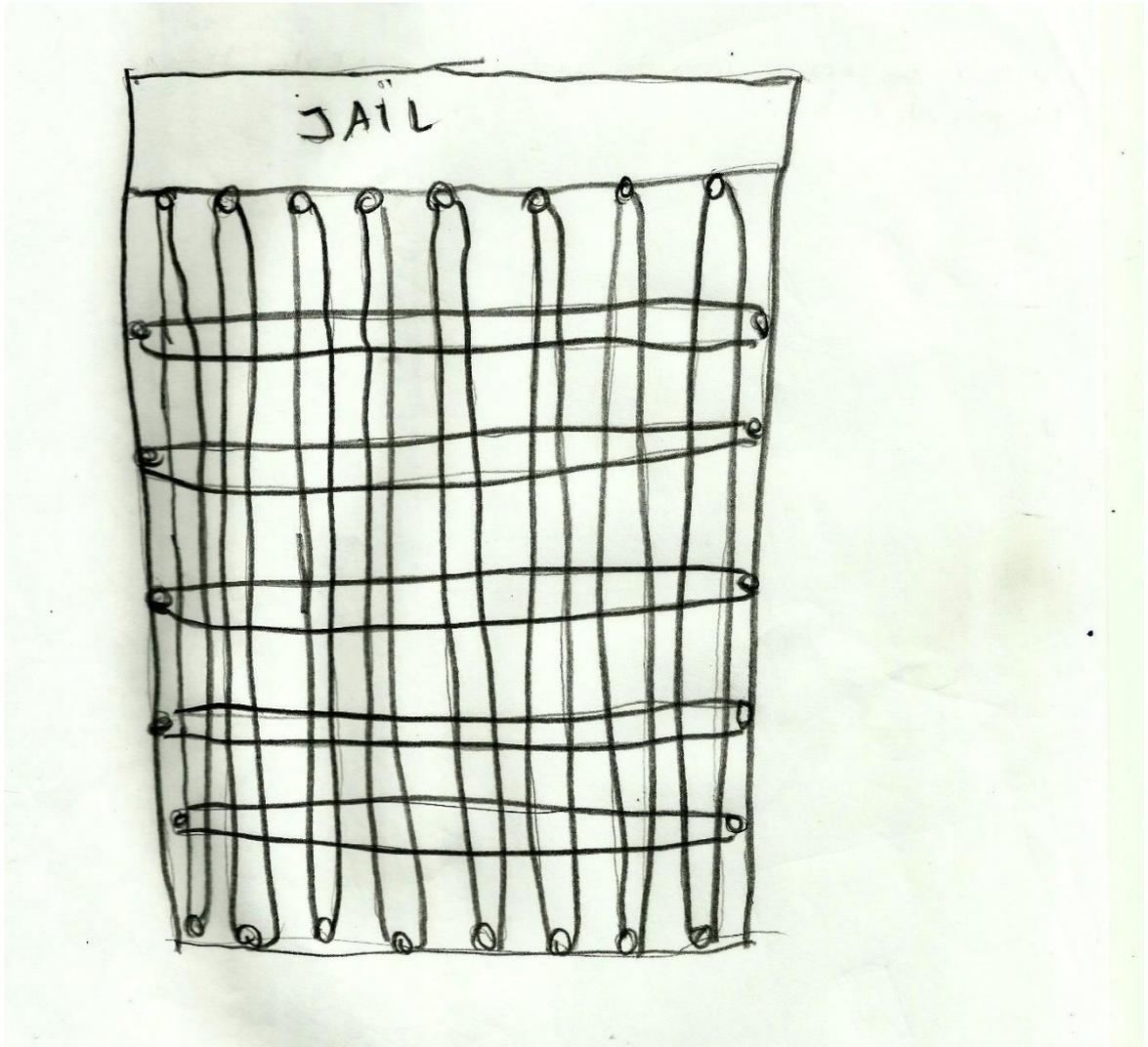
Explicação da frase ↓

A escola é desorganizada pelo o fato de bater o sinal do recreio para entrar de volta para a sala e muita gente não entra, as vezes uns até foge.

ESCOLA



Ditadora da mente

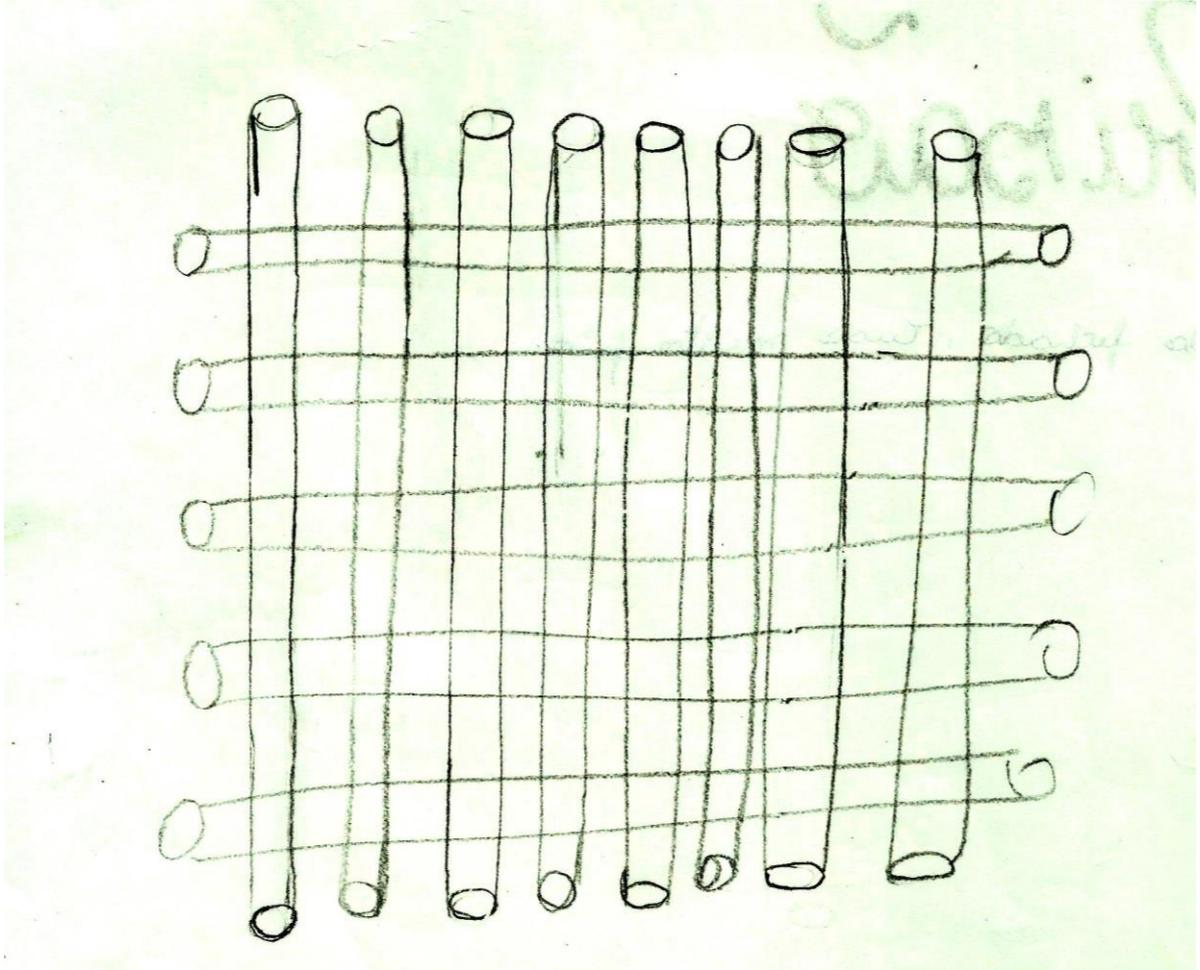


cadeia

Porque em oco isso da escala, e a escala tem muitos
tempo de aula.

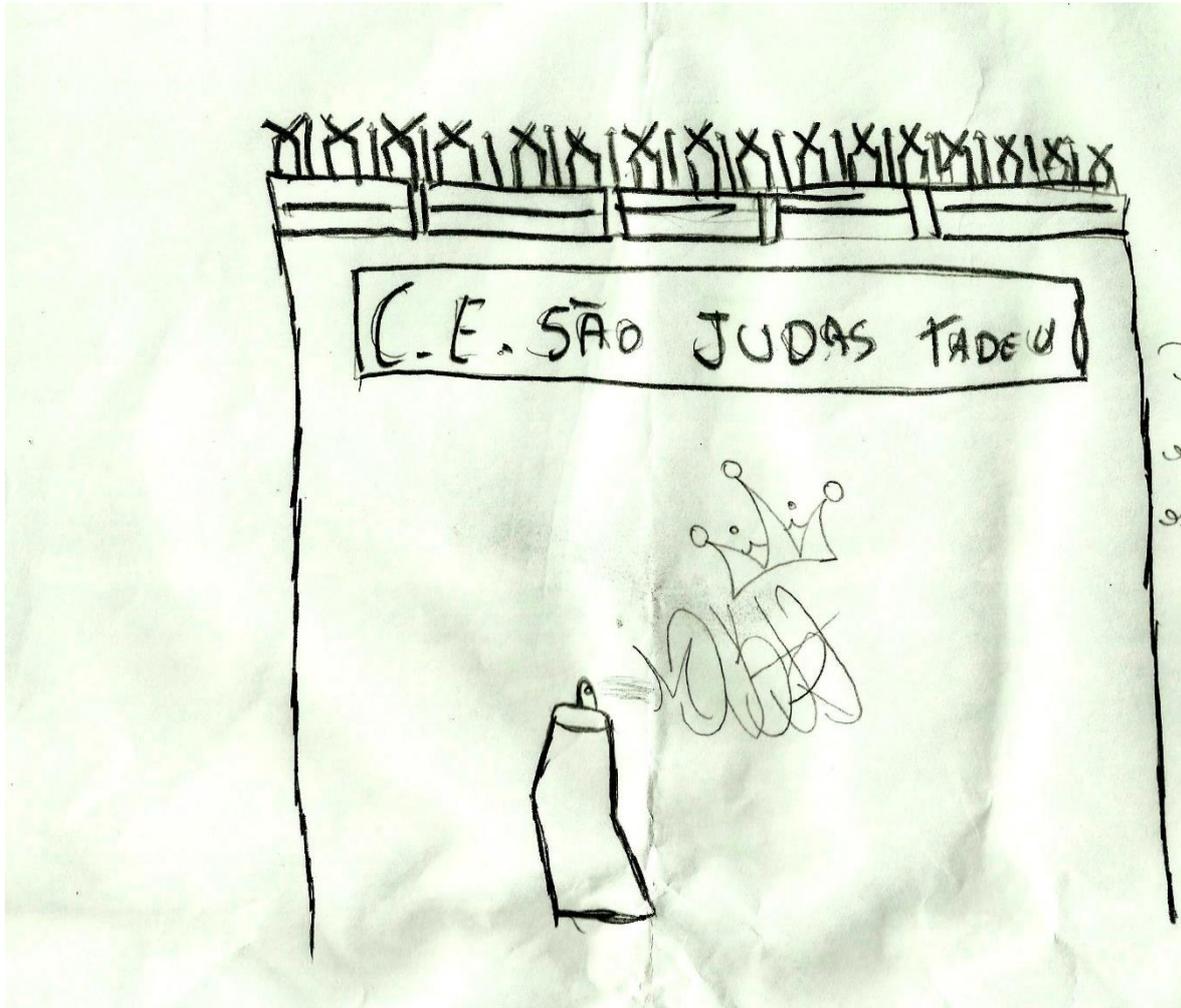


Parece uma prisão, além do muro alto com espinhas de ferro, ainda fico com dois policiais tomando conta.



Prima

É tudo fechado, tudo muito feio.



Porque a escola parece
uma prisão e as paredes
são todas fixas

As imagens acima me perturbaram por demais. Sou professor nesta escola há 16 anos e, se alguém me perguntasse sobre as grades que esse lugar tem, eu diria, sem medo de errar, que elas não existiam. Entretanto, ao me transformar em alguém que busca elementos do cotidiano e do “chão” da escola para analisar, vi e fiquei surpreso, pois nunca fui capaz de perceber as grades e nem sei quando elas foram colocadas. Óbvio que, do lugar de professor, elas não são visíveis. As grades não me afetam, não tolhem minha liberdade de ir e vir. Afinal, professor não precisa de permissão para entrar ou sair. Contudo, para os alunos, as grades são um grande problema.

Poderia pensar que essas impressões sobre as grades e a prisão fossem o olhar de um determinado grupo isolado devido a vários fatores. Para não ficar com essa interrogação, selecionei alguns desenhos e palavras e mostrei-os a outros grupos. Disse-lhes que eles deveriam escolher o desenho e as palavras que mais representassem a escola na opinião deles.

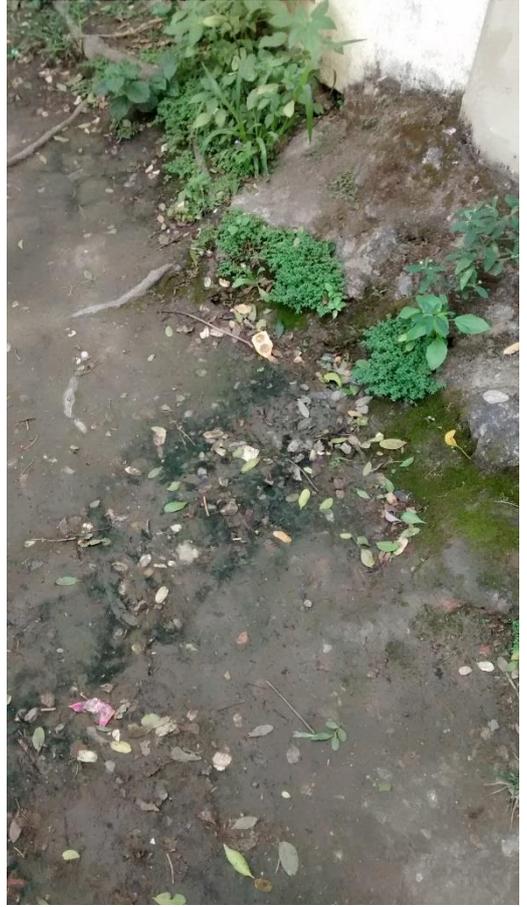
Em uma turma de ensino médio, na qual a atividade foi realizada, dentre os 20 estudantes que participaram, 7 deles concordaram com a palavra “prisão” e com o desenho respectivo. Já em outra turma, onde ninguém desenhou grades ou fez menção à prisão, quando mostrei a seleção de desenhos e palavras, 9 alunos disseram que a palavra prisão representava bem a escola. Em outra turma, também do ensino médio, um dos alunos desenhou um pássaro preso na gaiola e outro concordou com a palavra prisão para referir-se à escola.

4.2. A “bosta” e suas “moscas”

Ainda que os fatos tenham me perturbado, como professor/pesquisador já tinha o desejo que estes fenômenos surgissem durante o levantamento de dados. Porém, confesso que não os esperava nessa intensidade.

Como uma das minhas preocupações é o modo como os alunos veem a questão da “qualidade” na/da educação, pedi aos alunos que filmassem ou fotografassem a escola e que essas filmagens ou fotos demonstrassem o que eles viam de pontos positivos e negativos. Já narrei esse evento mais acima, só não havia apresentado as fotos que eles e elas fizeram. Faço isso agora:







Ao analisar as fotografias, constatei que as alunas e os alunos apenas viram os aspectos materiais e negativos da escola e ou do ambiente escolar e que nessa visão não teria nada de bom a ser fotografado ou algo contaminou os alunos. Assim, elaborei novas estratégias de trabalho, tendo o mesmo objetivo. Mas, ao invés de fotografias, optei pelo uso do desenho e das palavras.

Nessa nova fase da pesquisa, solicitei que os estudantes representassem a escola através de um desenho e de uma frase. Esse desenho seria o que lhes viessem à mente e a frase seria algo que explicaria ou complementaria a ilustração.

Nesse momento, fui surpreendido novamente. Em uma determinada turma surgiu, em meio às grades e a imagem de uma prisão, desenhos e frases como esses abaixo:

Porque eu não gosto dela e acho ela uma merda



Chata

Pq eu não gosto das meninas, escola e acho ela uma merda



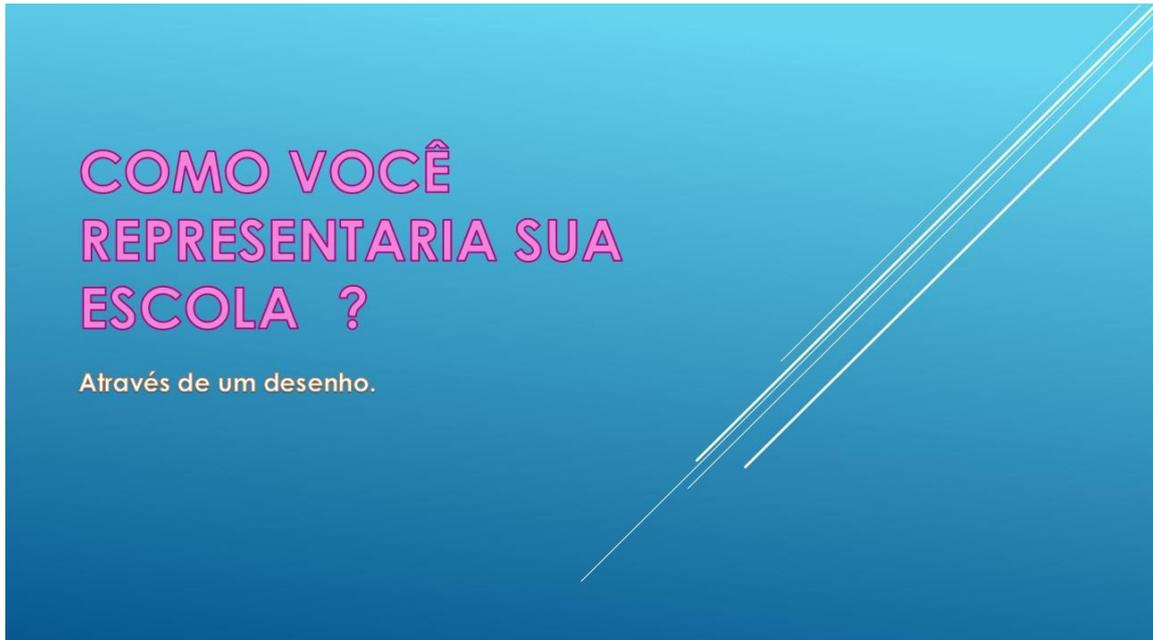
Porque em comparação
de antes com hoje em
dia, a escola está uma
basta.

Os primeiros desenhos foram recolhidos em meados de 2014. Entretanto, com o intuito de perseguir meu objetivo analisei e ponderei as imagens até que surgiu a ideia de voltar ao campo e repetir as mesmas perguntas. Mais uma, vez os desenhos e as frases dos alunos me deixaram perplexo:

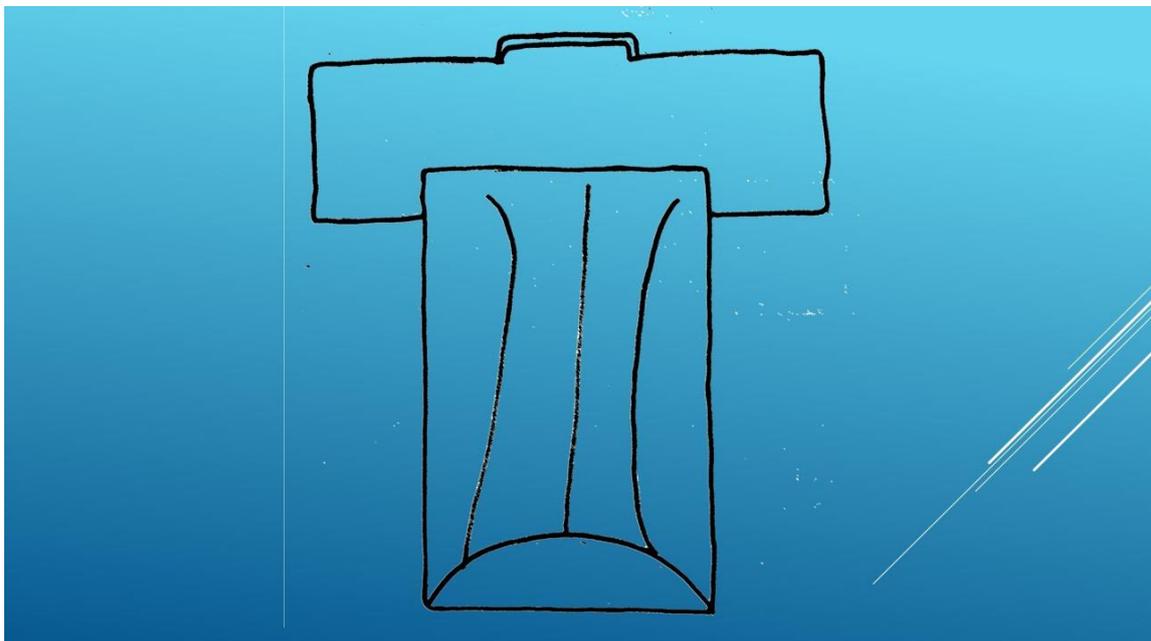


Em seguida, fui investigar se aqueles desenhos eram de ideias, pensamentos ou avaliações isoladas sem conexão com os outros alunos e alunas da comunidade escolar. Para aferir o quanto esses signos estavam disseminados pela comunidade, preparei uma exposição de slides:

SLIDE 1



SLIDE 2



SLIDE 3

Eu não sabia muito bem como desenhar mas mesmo assim eu considero um livro Pais essa escola e toda desorganizada, alguns Professores não tem a capacidade de ter a moral e suficiente para fazer os alunos respeitarem da maneira que tem que respeitar.

SLIDE 4

Por que minha escola é disciplinada com tudo na escola

Pois que é o que todos na escola prezam na escola e a EDUCAÇÃO.



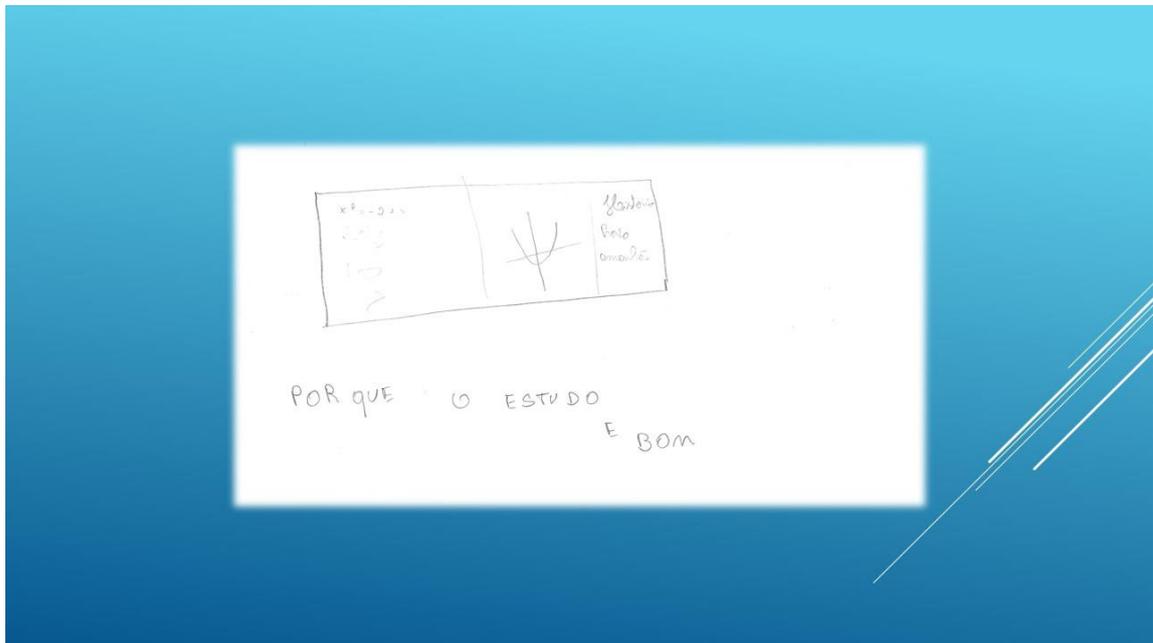
SLIDE 5



SLIDE 6



SLIDE 7



SLIDE 8

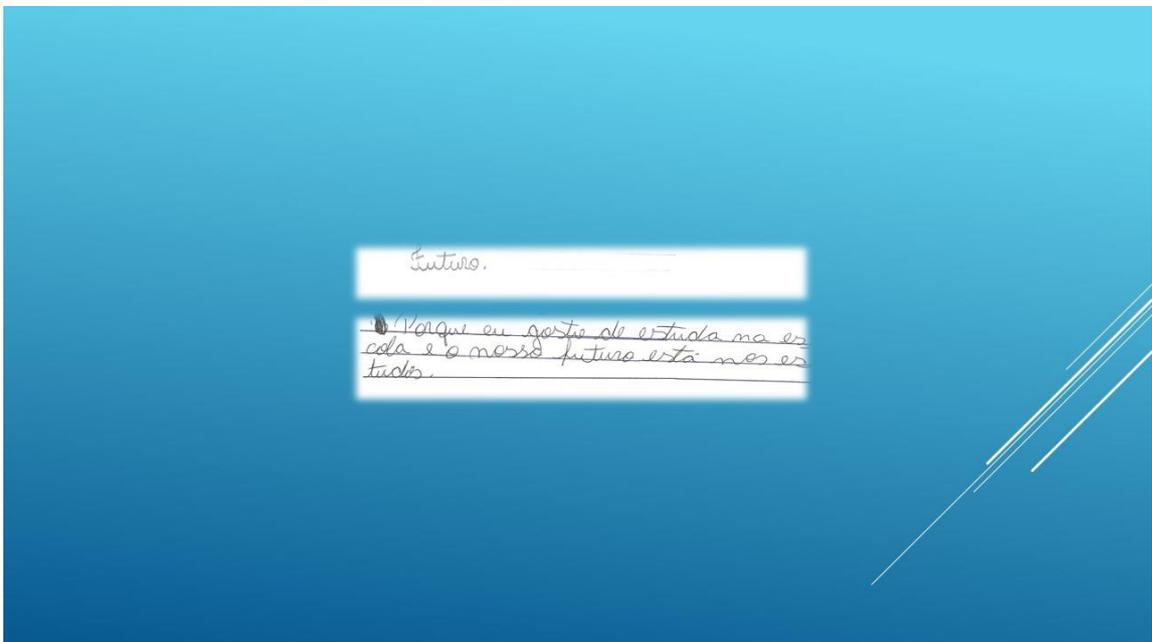
COMO VOCÊ REPRESENTARIA SUA ESCOLA?

► Através de uma palavra.

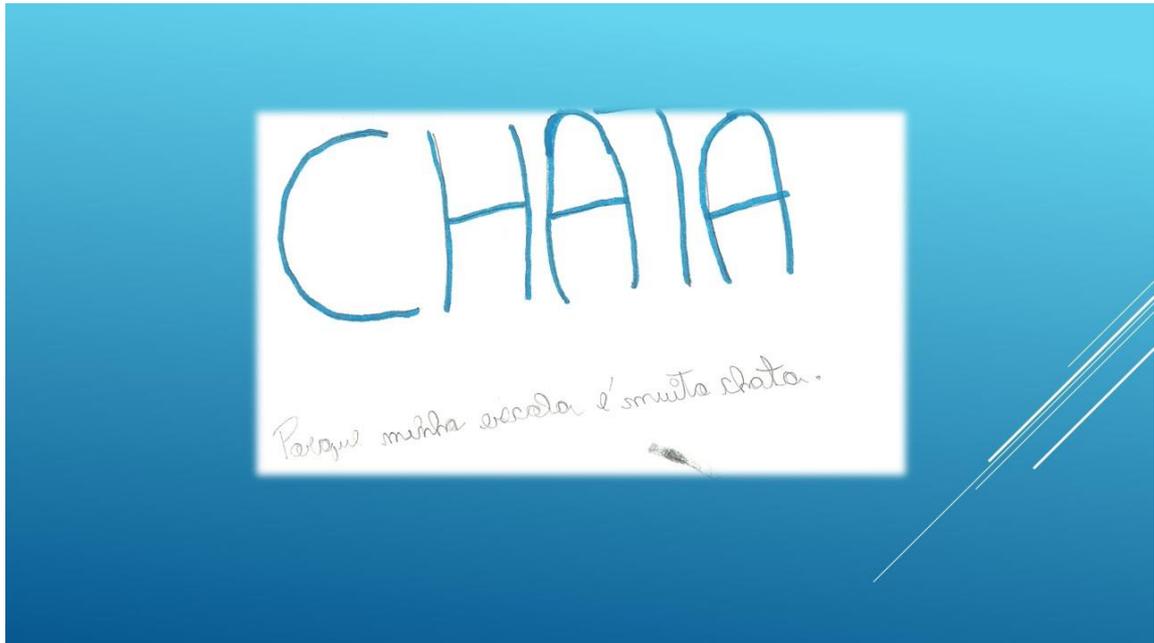
SLIDE 9



SLIDE 10



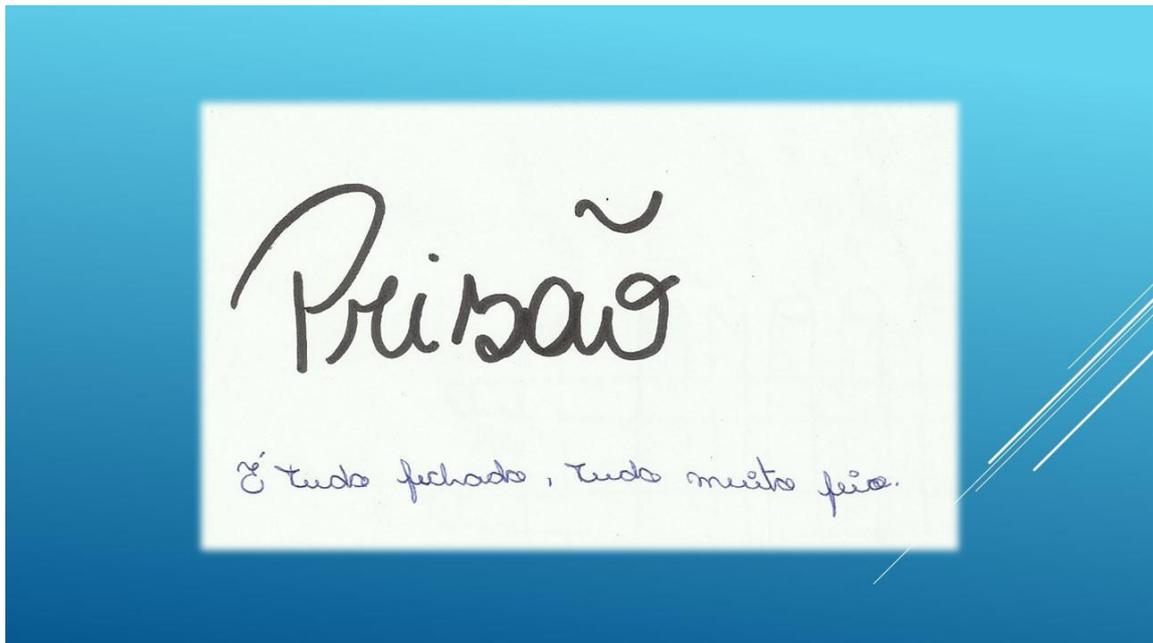
SLIDE 11



SLIDE 12



SLIDE 13



Ainda espantado com os desenhos e as frases, ponderei que eram apenas dois alunos que pensavam daquele modo e que isso significava que que essa ideia estava apenas neles. Por outro lado, poderia ser que somente eles tivessem conseguido representar suas impressões. Ou seja, podemos pensar que outros podem ter essa mesma percepção, porém, não verbalizaram por vários motivos.

Com a preocupação de perceber se a visão da escola e da educação como uma bosta circulava entre os alunos e as alunas, levei os desenhos e as frases para outras turmas, perguntado se esses desenhos representavam o que eles pensavam da escola. Assim, fiz uma seleção desses desenhos das turmas 1002 e 2002 e apresentei-a para as turmas 1001 e 2006. Os resultados para essas perguntas foram os seguintes³⁶:

Na turma 1001, nenhum aluno ou aluna desenhou grades ou fez menção à prisão. Porém, diante das imagens, disseram que a palavra “prisão” representava bem a escola.

Já na turma 2006, depois de observar a seleção, solicitei que eles escolhessem a que mais se aproximasse do ambiente escolar e, então, sete alunos concordaram que a palavra prisão era uma boa representação para a escola. No entanto, outros quatro alunos entendiam que a unidade escolar deveria ser simbolizada pelo desenho do cocô. Apesar disso, um dos alunos preferiu a palavra “futuro”; outros três ficaram com a palavra “difícil” e quatro foram mais condescendentes com a escola e escolheram o menino sorrindo como emblema da instituição.

³⁶ Esses escritos originais estão registrados no apêndice...

Contudo, um só aluno não concordou com nenhuma palavra ou desenho, pois em sua argumentação, nada representava a sua escola.

Na turma 2002, os alunos fizeram desenhos. Apenas um aluno desenhou um pássaro na gaiola gradeada. E, nessa turma, um estudante também concordou com a palavra “prisão” para sintetizar o que é a escola para ele.

CAPÍTULO 5. VIDA VIVIDA POR MONALISA

Quando me aproximava do fim da graduação em Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, e com a necessidade de apresentar uma monografia, o único tema que me interessava era a história das escolas de Nova Iguaçu, sob o olhar do professor. Todavia, ao me preparar para o concurso do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – PPGeduc-UFRRJ, tive contato com as ideias do círculo bakhtiniano e, acrescentei ao meu primeiro tema a questão do discurso e da ideologia na qualidade da educação, tanto pelo prisma do professor quanto do aluno, tensionadas pelas relações etnicorraciais, as desigualdades étnicas, culturais, de classe, de raça e de gênero dentro da perspectiva teórica bakhtiniana.

Entretanto, com o aprofundamento das conversas, debates e discussões entre eu e meu orientador, percebemos que haveria uma forma de conversarmos sobre a história e a qualidade da escola em nossa região, sem tornar o tema enfadonho e/ou maçante. Entendemos que seria possível falar sobre a nossa preocupação, contando “causos” do cotidiano do “chão” da escola, aquelas histórias impregnadas de cuspe e pó de giz.

Essa narrativa que trago agora, parte eu vi acontecer e parte me foi relatado por alunos, funcionários e professores. É uma história vivida há pouco tempo, mas que talvez tenha se repetido centenas de vezes nos diversos “lugares especiais” de nossa Baixada Fluminense.

Dei aulas para um adolescente há alguns anos. Era um menino que já demonstrava sua “opção” “homossexual”. Ele era negro, pobre, morador da periferia, distante do centro de Nova Iguaçu, cidade que também é, por vezes, considerada periferia. Aparentemente, ele ainda não tinha tido nenhuma experiência sexual, mas a sua opção já estava clara. Conversando com vizinhos do menino, disseram-me que ele, desde muito pequeno, não se sentia homem. Sempre preferia as brincadeiras “ditas femininas”.

Antes de continuarmos, é preciso fazer uma intervenção nesta narrativa para nos situarmos na discussão de gênero que a “vida de Monalisa” suscita. Na questão do uso do termo “opção” no discurso do professor de Monalisa, é importante mencionarmos o debate que tem sido travado em torno desse termo. O seu uso é complexo porque, segundo autores que refletem sobre o tema, acredita-se que a homossexualidade seja uma condição e não simplesmente uma opção.

Há duas grandes perspectivas que tentam dar conta do fenômeno da homossexualidade. De um lado, os que acreditam que a homossexualidade é algo inato, ou seja, vem com o sujeito, é da ordem genética, o que comumente se denomina essencializar a homossexualidade. Por outro lado, há os que defendem que, sendo a sexualidade uma construção social, não se pode

dizer que ela seja uma opção, mas algo que se constrói ao longo do amadurecimento do sujeito, como podemos observar na história de Monalisa.

Para nos ajudar a entender como se situam estes dois modos de ver a homossexualidade, vamos trazer para o diálogo, alguns teóricos como Costa (1992, p. 21-23) que nos ensina que interpretar a ideia de homossexualidade como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. De acordo com o pesquisador, é preciso utilizar a palavra homoerotismo para se referir ao fenômeno da homossexualidade já que o termo exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão porque ela nega a ideia de que exista algo como uma substância homossexual orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendência homoerótica.

Quando emprego a palavra homoerotismo refiro-me meramente à possibilidade que certos sujeitos têm de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico (COSTA, 1992, p. 21-23)

Para Weeks (2000), a palavra “homossexual” é utilizada pela primeira vez na imprensa alemã em 1869 por Dr. Karoly Benkert, mas o uso deste termo para referenciar pessoas homoeroticamente inclinadas seria um erro. Para Benkert, o termo estaria associado a um tempo em que a homossexualidade era entendida como algo da ordem patológico, o que difere muito da postura de respeito às diversidades sexuais que se têm buscado hoje em dia. Assim, ser lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero é uma questão de identidade e identificação.

Weeks (2000) explica que podemos dizer que antes do século XIX a homossexualidade existia, mas o/a homossexual não. Embora ela tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX, e nas sociedades industriais ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada.

Perguntamo-nos, então, como nos referenciarmos a estes sujeitos LGBT? Segundo Facchini (2005), o *Grupo de Conscientização e Emancipação das Minorias Sexuais* (Corsa) foi pioneiro quando, a partir da segunda metade de 1997, deixa de utilizar a expressão “minorias sexuais” nas suas falas e documentos, substituindo-a pela expressão GLT (Gays, Lésbicas e Transgêneros) e depois GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), para identificar o sujeito coletivo pelo qual o grupo fala.

Segundo a pesquisadora, o uso da sigla GLT (Gays, Lésbicas e Transgêneros) como contraposição a GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) revela outra faceta desses processos de reconstrução de termos utilizados para indicar o sujeito político do movimento, que volta a se manifestar com a adesão à sigla GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros). A percepção de que a sigla GLS é uma sigla do mercado e não do movimento vem também do grupo Corsa que alega que não há um movimento de negros e simpatizantes ou de sem-terra e simpatizantes.

O T se referia ao termo “transgênero” e tentava sinalizar identidades travestis e transexuais, mas seu uso foi criticado pela população trans que se manifestou contra a adoção do termo “transgêneros”, argumentando que o termo não tinha significado no Brasil e que travestis e transexuais não queriam mudar a forma como eram chamadas.

Em 19 de novembro de 1998, numa reunião de organização da Parada Gay³⁷, é aprovado o uso sigla GLBT, como argumento de que se tratava de uma sigla inclusiva e adotada internacionalmente pelo movimento (FACCHINI, 2005). Foi a partir da realização da I Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos para LGBT que o Brasil adota a letra L na frente do G dando à luta das mulheres lésbicas prioridade na referenciação.

Ressalto aqui, que como professor de Monalisa, somente depois deste trabalho de pesquisa, comecei a entender e compreender um pouco melhor, questões relativas a esse grupo. Portanto, a inclusão da história de vida da Monalisa neste trabalho já surtiu algum efeito: me levou a rever algumas certezas e a reformular conceitos sobre o grupo LGBT.

Feito esses esclarecimentos voltemos para a narrativa de Monalisa. Durante as aulas ele, pois ainda não havia se “transformado”, era bastante inquieto e com maneiras muito barulhentas, porém não chegava a ser um problema, nas aulas de História. Com paciência e muita conversa era possível trabalhar com o menino. Lembro-me que ele fui seu professor no 6º e no 7º ano do ensino fundamental. Durante esse período no qual o estudante frequentou as aulas de História em minha sala, era visível que a homossexualidade estava cada vez mais forte em suas atitudes e falas. Assim, podíamos notar uma transformação ou, talvez, um amadurecimento.

Ao sair do turno no qual o menino estudava, passamos a ter contatos esporádicos quando havia alguma atividade na qual os turnos se encontravam e com atividades extramuros como,

³⁷ Segundo a Dra. Jaqueline Gomes de Jesus, em sua tese de doutorado na Universidade Federal de Brasília – UNB, a Parada do Orgulho LGBT é um evento organizado pelo movimento social com a finalidade de tornar massiva a visibilidade da população LGBT. No Brasil, o caráter de carnavalização, em contraponto à intencionalidade política dos organizadores, é adotado como elemento de atração de participantes.

por exemplo, excursões. Lembro-me de uma excursão que fizemos ao Museu Nacional da Quinta da Boa Vista na qual o estudante participou e ele já não era propriamente um menino. Já se maquiava, pintava as unhas, fazia as sobrancelhas, mas usava roupas masculinas.

Esqueci-me do aluno e, após alguns anos, quando eu o reencontrei na rua do colégio, quase não o reconheci de imediato. Somente depois de alguns segundos, lembrei-me do menino que agora era uma menina-mulher. Com aplicação de silicone nos seios e na região glútea, trajava minissaias, salto alto e aplique no cabelo. Enfim, transformou-se. Tornou-se uma nova pessoa. Abandonou o nome de menino e passou a usar o nome de Monalisa.

O interessante que até aqui a escola apenas assistiu a evolução e a transformação da estudante. Na época em que Monalisa nasceu socialmente ela estava estudando no período noturno e estava cursando o projeto autonomia³⁸.

Quando Monalisa começou a estudar à noite, a escola foi obrigada a ver a agora menina ou mulher com outros olhos. Monalisa começou a fazer algumas exigências sobre os direitos que a lei lhe garantia³⁹. A primeira exigência foi o uso do nome social, inclusive na hora da chamada de classe. Esse processo não foi tranquilo para a escola e alguns professores se posicionaram contra a solicitação de Monalisa, alegando que isso era um abuso. Outros docentes se colocaram de forma favorável, sem ver problemas na troca de nome no diário. Assim foi feito: nome social Monalisa e, em seguida, seu nome completo.

O segundo embate entre Monalisa e a escola veio em seguida. Embora no exterior, Monalisa aparente ser uma menina, no órgão sexual não. É nesse ponto que surge o problema:

³⁸ O exposto nesta referência é exclusivamente o entendimento da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, posto que nesse trabalho não haveria espaço para uma discussão mais acurada sobre o tal programa. “O Programa, de aceleração de estudos, Autonomia, uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e a Fundação Roberto Marinho, foi lançado em março de 2009 com o objetivo de reduzir a distorção idade-série, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Nesta ação inovadora, a experiência de aprendizado de cada aluno é valorizada e, por meio de recursos tecnológicos, é oferecida ao estudante a oportunidade de construir o próprio conhecimento. Esta é mais uma iniciativa da Seeduc de oferecer ao Estado do Rio de Janeiro educação de qualidade, em uma escola do século XXI.

Em 2013, a meta da Secretaria é atingir, com este programa, cerca de 36 (trinta e seis) mil estudantes da Rede, sendo 18 (dezoito) mil dos anos finais do Ensino Fundamental, com idade entre 13 e 17 anos e 18 (dezoito) mil estudantes no Ensino Médio, com idade entre 17 a 20 anos.

Para auxiliar os professores que lecionam no Programa, foram elaborados Catálogos que explicitam a articulação entre as teleaulas e as habilidades do Currículo Mínimo. Disponibilizamos, também, Orientações Metodológicas que articulam os principais pontos de convergência entre os conteúdos abordados pelas teleaulas e as habilidades do Currículo Mínimo.” Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=1790814>. Acessado em 23 out. 2015 às 19h 10.

³⁹ Resolução n.º 12, de 16 de janeiro de 2015 Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Disponível em:

<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=3&data=12/03/2015>

Acessado em 23 out. 2015 às 19h 25.

que banheiro Monalisa vai utilizar? Se ela usar o dos meninos vai sofrer *bullying*? Se usar o das meninas, as nascidas meninas se sentirão constrangidas? Nesse momento, o que a escola faz?

Como solução temporária, foi colocado à disposição de Monalisa um banheiro que estava disponível, que é o da Biblioteca. Mas segundo informações, apesar de ela não fazer uso frequente, garantiu o seu direito de usar um banheiro onde não sofresse ou constrangesse ninguém. Segundo informações retiradas do diário de classe, Monalisa era uma aluna faltosa, acredito que o motivo seja o seu trabalho, já que ela estuda à noite e seu ganho vem do “trabalho” nas noites. Segundo a própria Monalisa as faltas não estava relacionadas ao seu trabalho. Ela afirmou que era preguiça mesmo de ir a escola. Contudo, a gestão do colégio aguardava as orientações da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC-RJ para resolver a questão do banheiro.

Neste caso, o que se mostra interessante é que a resistência à Monalisa não surgiu dos alunos e das alunas, e sim do corpo docente. Na questão do uso do sanitário, as meninas chegaram a realizar um abaixo-assinado para Monalisa ter acesso ao banheiro feminino. Quanto aos meninos, também não haveria problemas de *bullying*. Segundo o depoimento da própria Monalisa, o problema seria ela Monalisa não conseguir segurar seus desejos dentro do banheiro masculino.

A saída encontrada para a situação – o uso do banheiro da biblioteca – que já foi casa de caseiro e cantina, foi uma indicação do corpo docente que não se sentiu confortável com a Monalisa usando o banheiro feminino ou masculino.

Hoje, parece que os “problemas” acabaram. Monalisa foi trabalhar em São Paulo e a pela última notícia que tive, ela estava “trabalhando” em Curitiba. Assim, ninguém precisa subverter a “ordem natural” das coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para começarmos a finalizar nossas reflexões, lembro-me que minha intenção era pensar a escola com/a partir de/junto aos alunos, professores, funcionários e comunidade desse “lugar especial”. Por isso, coletei durante esses vinte e quatro meses, histórias, conversas e representações das personagens que compõem esse universo chamado Colégio Estadual São Judas Tadeu.

Arrisquei-me num desejo de ser o cronista desses causos que a espuma dos dias vão depositando na poeira dos tempos e dos lugares. E busquei trazer o que dizem dessa escola e o que ela diz de si, pensando esse lugar, mas não sozinho, e, sim, a partir do olhar do outro, a partir do que esse outro me disse.

Desta forma, refleti exaustivamente sobre essas histórias para tentar entender como se dão as relações entre a escola e seus outros, usando, para isso, não só das histórias, mas também elementos iconográficos que representassem a escola, como os desenhos elaborados por alguns alunos em determinados momentos da pesquisa.

A minha empreitada nesta dissertação foi procurar mostrar o Colégio Estadual São Judas Tadeu sob certo ponto de vista. Como já apontado anteriormente, antes, persegui o ponto de vista dos alunos. Contudo, o texto final, na verdade, representou a minha perspectiva sobre o ponto de vista dos alunos.

Meu interesse nessa pesquisa foi e ainda é o que esses outros (alunos, funcionários e professores) tinham e ainda têm a contar sobre essa escola e como isso que eles pensam e dizem foi e é considerado nas relações no cotidiano da escola. Busquei, em todo momento dessa pesquisa, ouvir as histórias dos meus sujeitos, sempre tendo em mente que são narrativas produzidas por indivíduos que poucas vezes foram chamados para dizerem algo sobre sua escola e até sobre sua própria vida. A partir disto foi que, responsavelmente, tomei para mim a tarefa de narrar as histórias produzidas por estes personagens que fizeram e fazem virar realidade o Colégio Estadual São Judas Tadeu.

Essa pesquisa não tem início e muito menos se finda aqui ou ali. Ela expõe o movimento da própria vida em que cada homem ou mulher vai vivendo do jeito que pode. Não pretendi tecer uma história única. O que procurei fazer foi devassar uma apreensão da escola, não a partir de uma visão *a priori* dada independentemente da experiência. O que tentei foi trançar os fios de muitas narrativas para tecer o tecido da história de um determinado lugar e de um tempo: do lugar único e insubstituível de cada indivíduo. Ao trazer os fios da história da criação e construção da escola ou da história de Monalisa estava buscando uma reflexão da relação que

as pessoas da localidade, professores, funcionários e alunos mantiveram e mantêm com a escola. Assim, através dessa pesquisa tentei evidenciar como os alunos, as pessoas da localidade, professores e funcionários significam e ressignificam a escola.

Ademais, para além dos moldes de uma dissertação, acredito que foi fundamental a introdução da história da minha vida, incluindo minha formação como professor e a minha relação com a educação e com essa escola. Desse modo, foi possível perceber, primeiramente, porque chamo esse lugar de especial e, em seguida, como indivíduos como eu – que tendo trajetórias de vida igual ou parecida com a minha – pensam, vivem e entendem esse “lugar especial”.

Procurei demonstrar, na narrativa que denominei cronotopos, como o espaço físico do ambiente escolar se organiza e é aproveitado e subaproveitado. Oxalá tenha eu conseguido expor qual é a função fundamental dos espaços que compõem essa escola, ao observarmos a história sobre o “salão das artes” que acabou se transformando em auditório e, em seguida, recebe divisória de madeira e transforma-se salas de aula improvisadas. Além de alguns outros espaços que vão se transformando conforme a política educacional, vai também se modificando, como é o caso de uma cantina construída e mantida, segundo nossos informantes, pela comunidade que deixou de ser cantina, que deixou de ser cantina, ganhou um morador, uma pessoa que fazia o papel de vigia e zelador e depois virou biblioteca. Essas transformações são interessantes.

Apono no meu texto para um fenômeno que achei bastante intrigante: como algumas coisas não se veem dentro da escola, pois elas são tão naturalizadas que se tornam invisíveis. Encontrei durante minha pesquisa duas dessas coisas invisíveis na escola. O atraso dos alunos pela manhã e a noite é a primeira delas. A segunda foram as grades da escola. Esse foi ao meu grande susto e me mostrou que uma pesquisa é uma estrada de mão dupla. Ela é capaz de interferir no olhar do pesquisado que também pode interferir no olhar do pesquisador. Até o momento que pedi para meus sujeitos de pesquisa desenhar a sua escola eu não via as grades. Quando recolhi os desenhos e as grades começaram a saltar na minha frente foi que dei conta delas, elas são tão naturais que eu que sou professor e elas nunca me puseram limites não as viam.

Outro assunto que me assustou durante a pesquisa foi o surgimento de alguns desenhos de cocô com mosquitos e tudo para representar a escola. Segundo a Professora Doutora e pesquisadora Rita Ribes eu procurei essa bosta e devo concordar com ela, pois fui atrás dos sujeitos pesquisados várias vezes sempre trocando ou modificando minhas ferramentas de

pesquisa. Isso não invalida a resposta dos sujeitos, mas é possível que demonstre mais o que eu pesquisador queria ouvir devido minhas certezas.

Por último, trago para finalizar essa conversa a narrativa de Monalisa um fenômeno que com certeza se repete em várias escolas. Como um adolescente se transforma e a escola não vê ou finge não ver toda a trajetória dessa pessoa. A escola apenas se dará conta do que aconteceu quando Monalisa faz uso dos seus direitos. Nesse momento a comunidade escolar, professores, equipe de apoio, orientadores e gestores descobrem que Monalisa existe e que não é menino.

Novamente, o pesquisador é transformado pela pesquisa. É claro que tenho conhecimento de toda a luta LGBTQB e que tem estudos profundos nessa área para dar conta das muitas situações desse grupo. Contudo eu ainda tinha algumas ideias e conceitos errados sobre isso. Ao escrever sobre Monalisa fui obrigado a pesquisar e com a ajuda de Luciano Marques da Silva⁴⁰ um amigo militante dessa causa me inteirou, e assim pude desfazer mais algumas certezas que me atrapalhavam entender Monalisa.

Então, se essa pesquisa não atingiu todos os seus objetivos, ao menos um importantíssimo foi atingido: o eu pesquisador sai transformado; o eu escritor mais seguro e com menos medo de escrever; e, o eu professor com a visão e a mente mais alargadas ao pensar sobre o que é uma escola e o que é a educação.

⁴⁰Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da UFRRJ. Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Especializando-se em Educação Sexual. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário Carioca. Premiada pelo Seminário Internacional Fazendo Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Menção Honrosa no IX Fórum da Pós-Graduação da UFRRJ. Investiga, atualmente, as perspectivas dialógicas como estratégias político-pedagógicas para a Educação em um contexto mais inclusivo e receptivo às diversidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Para uma filosofia do ato*. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BENJAMIN, Walter. “Rua de mão única”. In: *Obras Escolhidas Vol. II*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Disponível em: http://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf.
Acessado em: 18 out. 2015.

_____. “Infância em Berlim por volta de 1900”. In: *Obras Escolhidas Vol. II*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Disponível em: http://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf.
Acessado em: 18 out. 2015.

_____. “Notas e materiais. Letra N. Teoria do Conhecimento”. In: *As Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. “A doutrina das semelhanças”. In: *Obras Escolhidas Vol. I. – Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em:

http://monoskop.org/images/3/32/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_1.pdf. Acessado em: 22 out. 2015.

_____. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CARVALHO, Carlos Roberto de. “O cotidiano é um aí”. In: Leila Dupret. (Org.). *Transdisciplinaridade e Afrobrasilidade*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012, v. 1, p. 111-127.

_____. PASSOS, Mailsa Carla Pinto. “Narrativas, ciência e responsabilidade: Notas sobre o diálogo com sujeitos afro-brasileiros na pesquisa em Educação”. In: Nilma Lino Gomes; Vilma Aparecida Pinho. (Org.). *Relações étnico-raciais, Educação e produção do conhecimento: 10 anos do GT 21 na Anped*. Belo Horizonte: Nandyala Editora, 2012, v. 1, p. 70-90.

_____. “Arte de ver não ver: quem tem olhos para ver, veja! quem vê, repare”. In: PASSOS, Mailsa Carla; PEREIRA, Rita Ribes. (Org.). *Educação experiência estética*. Rio de Janeiro: Nau, 2011, v. 1, p. 07-239.

_____. “Nem sim nem não, muito pelo contrário: verdades e mentiras antropofágicas”. In: CAMPOS, Marília; SANTOS, Ana Cristina Souza dos (Org.). *Diversidade e transversalidade nas práticas educativas*. Rio de Janeiro: Edur: Nau, 2010, v. 1, p. 17-36.

_____. “Poesia”. In: Regina Leite Garcia; José Paulo Serralheiro. (Org.). *Afinal onde está a escola?* Porto: PROFEDIÇÕES LDA./ Jornal a Página, 2005, v. 1, p. 211-220.

_____. “O torto e o avesso da poesia”. In: ARAÚJO, Mairce; JESUS, Regina Fátima de. (Org.). *Cadernos de Alfabetização I*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora, 2005, v. 1, p. 41-45.

_____. PASSOS, Mailsa Carla Pinto. “Templos construídos sobre templos: a História da América Latina e o cotidiano da escola”. In: ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.). *Escola, Currículo e Avaliação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2005, v. 1, p. 83-100.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

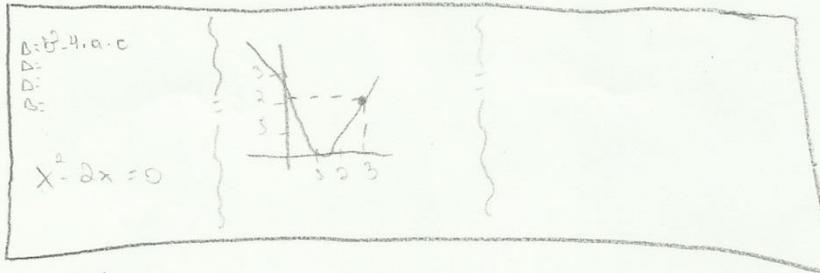
FACCHINI, R. *Sopa de Letrinhas: Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

WEEKS, J. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Guacira Lopes Louro (organizadora). Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

APÊNDICE

TURMA: 3003
DATA: 20/30/34

SLIDE Nº 5



Porque eu gosto de estudar, e também porque me desinco. está a cula que eu mais gosto.

2º Palavra = Futuro

Porque gostando eu não da escola eu quero um futuro melhor para mim e para a minha família.

Slide 4 - Porque apesar de tudo, o ensino desta escola é boa, embora o relacionamento entre o professor e o aluno não é tão bom.

Ninguém me representa, porque todos estão voltados ao "contrário".

1001

número 3

Porque é o que representa a escola.

Porque

Porque esta escola está cheia de gente sem necessidade.

Quarta: 20/10/12

Turma: 5003

4: Porque apesar de tudo a escola é legal.

2: Porque o nosso futuro depende da escola.

Turmas 2003

20/10/14

SLIDE 3

Pá que a esca da está a mesma coisa desde quando eu entrei aqui, eu sei, há 4 anos, não muda, todo ano os diretores vão até os solos perguntam: o que melhorar? falamos mas é a mesma coisa que nada. A diretora que está alta no Soey, como Ter está alta no SAERJ pra mostrar o sistema, se a esca tá uma porcaria, um dia!

PRISÃO

Se temo peço pra que a grade nos, não sejam onívoros.

CHATA

não tem estrutura, muito menos conteúdo pra essa esca ser chamada de legal

TURMA = 9001 - 20/10/2014

Slide = 1

Porque a escola está muito desorganizada, os
bambos femininos vive sujo, os solos, mesas etc...

Próximo

Porque a escola é muito fechada, os professores
geralmente não deixa os alunos ir beber água
ou ir ao banheiro, mas é uma escola e não
uma prisão para proibir os alunos de beber
água e ir ao banheiro

Turma: 2003

Próximo

Porque meu professor de matemática
ele é muito bom explica, e com a
explicação dele fico sempre entendendo rápido
mente.

Resposta: Porque se eu me entoreca, e não
suporta para os pessoas, que não querem,
nada meu futuro será melhor,
Porque não é difícil tanto queremos
se entender com matemática.

001

Slide 3

Mas escolhi esse mês porque a escola é legal, mas porque eu gosto do desenho! =)

Slide 1

É a verdade = o que escrevem, os professores não estão tendo capacidade de ensinar e não têm atenção ao que explicam em sala.

Palavra: Nenhuma delas me representa, porque a minha escola é chata e ao mesmo tempo legal, por isso não existe uma palavra adequada para designar a escola.

4º SLIDES

Por dar a legal e tem de bons momentos não não.

~~em uma~~ em uma, pois para mim a escala representa o profundo.

1001

número 3:

Porque ~~representa~~ a e meio que parecido com a escala.

2º palavra:

porque os estudos e mesmo futuro usam os estudos não usamos nada.

1001-20/10/14 ♥

slides: 6

Porque somos tratados igual prisioneiros, tudo tem grade e somos muitos presos

———— // Slides: 5 // —————

Buscão

Porque somos muitos presos

Turma: 1001

Dia: 20/10/14

1ª etapa

Slide 5: Porque a escola, assim como todas as outras tem seus defeitos, mas não podemos negar que aqui no São Judas tem um ótimo ensino e também temos ótimos professores que estão aqui dispostos a ensinar. Mas não devemos olhar apenas para os defeitos mas também para as qualidades.

2ª etapa

Slide 2: Porque realmente nosso futuro está aqui na Escola, não é fora da escola e que será do nosso futuro, aqui aprendemos coisas importantes que iremos levar para o resto de nossas vidas, inclusive quando formos conseguir um trabalho.

Turma = 1001 - 20/10/14 -

Slides = 6°

Porque a escola é muito fechada mesmo, parecemos até prisioneiros.

Slides = 2°

Porque eu gosto de estudar, aprender cada vez mais para que no futuro eu esteja pronta para encarar a vida.

Turma: 1003 Data: 22/10/2014

Slide: 2

Porque como naquela sala precisa de essa também precisa de professores mais qualificados, disciplina etc.

Slide: 2

Concordo com ele (a) que o futuro está nos estudos por isso a escola deve investir-lo. E colocar reforços até mesmo umas aulas extras para o pessoal que não fazem o enem
isso se

suma: 1001.

20/10/14.

Slide: 01.

Porque a escola não evolui e não parece ter muita cultura em relação ao desenvolvimento e não ensinam como lidar futuramente no mercado de trabalho.

Na parte da cultura não temos muita estrutura para aulas de música ou mais... etc!!!

③. CHATA: Porque não é questão de não querer estudar, é questão de não ter muita escolha. Não temos muita opção de estudo. Aula de inglês por exemplo, é algo diferente, mas que não me leva à nada (aulas não são tão completas).

T: 1001

Data: 20-10-14

Slide 5 porque sem um bom ensino não sabemos nada futuramente, e cabe a escola nos ensinar tudo o que precisarmos saber.

Por esse motivo eu gosto de estudar no São Judas porque tem um bom ensino e bons professores que além de mestres são nossos amigos.

Palavra 2: Futuro

Porque no futuro irei usar tudo o que aprendi no decorrer dos anos para ser uma pessoa bem sucedida.

Kuruma - 2006

20-10-14

Concordo com o desenho do texto, porque é o que essa escola é, é de dar mais importância à diversidade e preconceito... Totalmente uma escola ecôzenta, alguns alunos que não respeitam os demais... e comida ruim, enfim... é tudo ruim.

2006

20/10/2014

Eu, pessoalmente, não concordo com nenhuma das opiniões apresentadas. Pois boa parte dos problemas da escola, são originados pelos alunos, que muitos vezes não respeitam a escola, e ficam causando conflitos, destruindo os pertences da escola, etc...

Data: 20/30/2014 Turma: 2006

Eu escolhi o desenho de número 4, porque me indentifiquei no sentido de ser irônico.

Concordo com a palavra futuro, mas no sentido de ser um insentido. Porque no final o nosso futuro está em si mesmo.

20-10-44

3

me indolente pois porque a escola, uma festa, cada dia está
faltando mais professores, logo no 4º bimestre.

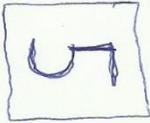
5

Dentro da escola não se pode fazer nada, um pouco de
liberdade na hora do intervalo seria bom.

Turma: 2006
Data: 20/10/14



Este desenho representa a realidade da nossa escola, uma prisão



Porque tem tudo a ver com o desenho que eu escolhi.

Kuruma: 2006

Data 20/10/2014

Eu me identifiquei mais com o desenho de número três pois através dele demonstra e retrata, o que eu e outras pessoas pensamos a respeito ^{da vida} principalmente pelo fato de que este desenho mostra o quanto a escola um dia foi boa e hoje em dia não, devido ao grande declínio dos professores em relação com o comprometimento e outro fator são os alunos descompromissados com estudo e que não vão para escola por motivos futuros..

futuro

Pois através do estudo teremos um futuro promissor e bem sucedida.

Turma: 2006 Data: 20/10/2014

Eu escolhi o Terceiro de tudo, porque realmente antes a escola era bem mais organizada, os professores eram mais dedicados e com isso os alunos também eram. E existiam várias coisas que incentivavam o estudo.

Concordo com a palavra difícil, porque está cada vez mais difícil lidar com os nossos pais.

③ ① I magem

Turma: 0006 Dia: 20/10/2019

Concordo muito com o desenho número 3, e com o número 1, ambos retratam muito bem a situação não só da nossa escola mas de todo o sistema estadual.

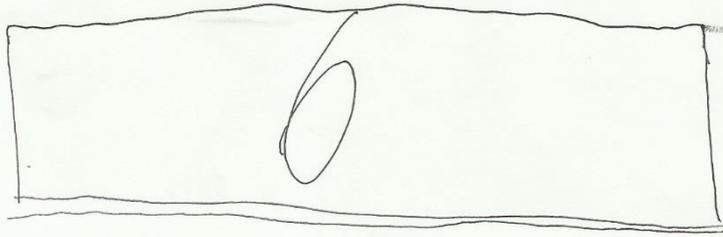
O que está acontecendo é que estão cobrando muito dos alunos sem poder cobrar, como podemos dar retorno a educação que temos que é um lixo?!

↳ Palavra

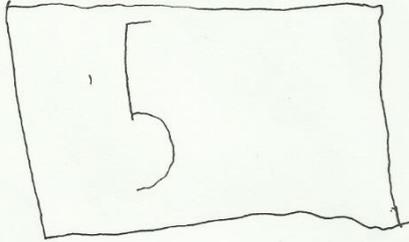
①
Conhecido como palavra difícil, ainda mais quando se está no E. M., pois é um tempo de grandes decisões, e você mais que nunca precisa se esforçar para ser alguém.

20/10/2014

2006



Por que aqui os alunos não tem direito de escolha nós não temos opinião
 Parece um presídio que agente só fica trancado isso temos 20 minutos
 de sol querem empurrar agente para aprender então faz agente gostar
 disso parece um presídio



Por que agente só fica trancado.

~~Adriano~~

Nº 99

Exame: 2006

história

Data: 20/10/99

6

Por as vezes a escola parece uma prisão ou até sem direito de falar alguma coisa na escola.

5

Porque tudo o quando chega o recreio todas as salas são fechadas.

Tema: 2006

DATA 20/10/19

Desenho: 6

Por que é verdade vivemos trancado a semana toda semana, parece até cadeia, e ainda tem pessoas que fica vigiando agente.

Imagem: 5

Representa a esca.

TURMA: 2006

DATA: 20/10/14

EU ESCOLHO OS DESENHOS 3 E 6 PORQUE

O NÚMERO 3 FAZ A VERDADE A DESORBANIZANDO
 FALTA DE INFORMAÇÃO MORAL ESTÁ FAZENDO A
 ESCOLA FICA UMA BOSTA E O 6, MOSTRA COMO
 A ESCOLA ESTÁ PARALELADO O CANTONDIUM COM
 GRANDES E LAMEIRAS PARA TODOS OS LADOS.

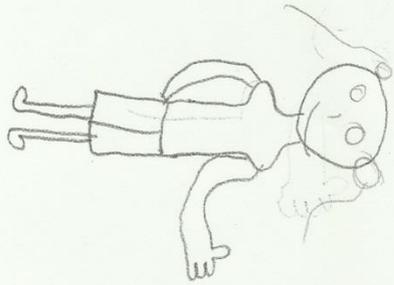
ESCOLHO A PALAVRA DE NÚMERO 5



PORQUE A ESCOLA TODA FELHADA DESSE JEITO
 TORNA ELA FEIA

Slide 2 - Perceptions vary a great deal
a great

Difficult: Perceptions vary a great deal
a great deal in terms of
what is in the same field



Suma: 1001.

Data: 20/10/14.

Slide: 2,

argue: Apesar de falta de autoridade de alguns professores
ou até falta de interesse de ambos (aluno e professor)
o ensino é bom.

Slide: 2

argue: É uma fase indispensável no vida, pois abre muitos portas no
futuro.

Qu'acho que o slide 6 tem mais a ver por que a maioria das coisas que ele falou é verdade.

nenhuma delas me representa por que eu não concordo com nenhuma delas a não ser mais ou menos o futuro por que isso é inevitável não sendo nada sem o estudo

1009

Slide: 6

Porque essa escola parece uma prisão.

Slide 2: Futuro.

Porque eu quero um futuro melhor para mim.

1001

slide: 4

Porque é de gol.

slide: 6

Porque do mesmo jeito uma prisão.

slide: 2

Porque quero crescer na vida, e ter uma profissão em "liberdade", e um amigo.

Suma: 1001.

Data: 20/10/14.

Slide: 2,

Argue: Apesar de falta de autoridade de alguns professores
ou até falta de interesse de ambos (aluno e professor)
o ensino é bom.

Slide: 2

Argue: É uma fase indispensável na vida, pois abre muitos portas no
futuro.

1001

número 3

porque achei enojoso e irritado.

2º palavra 'Futuro'

O ponto de vista está igual ao meu, ~~o futuro~~ o futuro
está nos mesmos estudos. Sem os estudos não teremos nada.